

POS CENTENÁRIOS

José Manoel Ribeiro Da Silva

OS CENTENÁRIOS

NO**CEGO**

Copyright ©
José Manoel Ribeiro Da Silva

Editora NOCEGO
www.editoranocego.com

Editor Responsável
Domingos Calixto
Produção editorial
Equipe Editora Nocego

Revisão
José Manoel Ribeiro Da Silva
[2021]
Publique seu livro com a Editora Nocego
RTV Brasil Prod. Com. Entret. e Editora EIRELI
CNPJ: 24.983.429/0001-04
Contatos: (73) 98873-7177
e-mail: editoranocego@gmail.com
e-mail: kalixto.calixto@gmail.com
www.editoranocego.com.br

AM

Ante Meridiem

Prólogo Suspeito

Quando ele saiu pelo portãozinho recém-pintado de amarelo e se pôs na calçada, demoraram alguns instantes para reconhecê-lo, pois escorria do seu rosto espigado e descia caudaloso pela barriga branca, o sangue que há pouco esguichava. Os meninos que acordaram para comprar pão ficaram boquiabertos e até encantados com a imagem que se firmava como um monumento de pedra-pomes, ossudo e encardido nas extremidades; as senhorinhas que sempre saíam àquela hora da manhã para cuspir fumo ou se coçar no batente das portas, arregalaram os olhos e se juntaram na calçada como um grupelho de galinhas d'angola, fazendo aquela zoadá típica; o mendigo que estava envolto por um pano deteriorado e limpava as remelas dos cílios com a mão esquerda (o que deixava o seu rosto um tanto disforme por causa da paleta de cores castanhas que lhe encardiam os dedos), usava o indicador direito para apontar, estarecido, em direção à figura pastosa aos seus olhos, quase inumana, tingida por matizes vermelhos e róseos. Por um momento ficaram ali, compondo aquela imagem como se faltasse apenas um fotógrafo mambembe para registrar tal ilustração em toda sua violência gráfica. Mas tudo ruiu junto ao homem que desabou de uma vez, sem reticência alguma, com a cara no chão. O

dorso exposto revelou a faca cravada próxima aos ossos que compõem o ombro direito. Seu Arão, o dono da venda que ficava em frente à casa usada como cenário de fundo, saiu correndo, enxugando a calva pálida com uma toalha de rosto e, de maneira estalada, emitiu seu espanto:

— O Mineiro!

O primeiro a se aproximar foi um dos meninos que depois de se abaixar e sentir um pouco do calor que do corpo se desprendia, percebeu um suave movimento respiratório nas costas. Notou também que além daquela cena da qual era apenas um figurante, um detalhe, havia outra se enroscando por dentro desta, como um parafuso sem fenda, algo a se materializar cinco ou seis metros à frente, nos pés enormes que, como dois sacos de areia molhada, impediam a modesta porta de madeira manter-se fechada por completo.

Quando o menino avançou seus passos virando as costas para a ribalta solar, indo em direção ao que se pensava ser o único bastidor do evento, as pessoas foram-no seguindo a distância, até sua posição anterior, como se tivessem ensaiado os passos meticulosamente. Logo também perceberam que o homem estava vivo e, de grito em grito, pediram ajuda. O garoto, imerso totalmente na excitação da descoberta, deixou que aqueles pés gigantes se encaixassem entre os seus e empurrou a porta, mas antes que pudesse se voltar para a pequena

multidão distraída na calçada e anunciar seu feito, recebeu um safanão na orelha que o deixou atordoado, tanto que nem conseguiu ouvir seu Arão dizer uma de suas sentenças imperativas:

— Saia, menino-saci!

Num único salto o garoto se viu dentro da casa. Seus pés molhados e gordurosos escapavam dos chinelos e, involuntários, roçavam os dedos de uma enorme mão nodosa. Era outro homem caído. Era o rezador. Reparou, naquele instante, que ele parecia ser um índio, mas ao mesmo tempo não parecia. Índio deve ter os cabelos de índio, afinal, e aquele homem não os tinha. O corpanzil estava embebido de algo que lembrava lodo encarnado, mas era possível ver os rombos feitos na camisa de listras coloridas e botões estufados sob o cordão de patuás. Eram dois vulcãozinhos adormecendo, de onde a lava vermelha já estava se cansando de jorrar. Seu Arão não se deu ao trabalho de abaixar para aferir a condição do curandeiro, deu dois solavancos curtos com a sola do pé para cravar seu diagnóstico:

—Este não reza mais ninguém — e fez o sinal da cruz.

O comerciante, agora embebecido pela constatação que acabara de fazer, não percebe que o menino já mudara seu foco para outro ponto do cenário, o bastidor dos bastidores, pois o pequeno havia constatado, com a perspicácia própria dos atrevidos, que havia movimen-

tos e vinham chiados de outro cômodo da casa. Então, depois de alguns segundos com as orelhas e os olhos concentrados nos sinais emitidos de lá, conclui que algo estranho acontecia atrás da porta que se antepunha ao corredor que dava para a cozinha. Não pensou duas vezes e a empurrou a tempo de ver a mulher pulando a janela que dava para os fundos, onde o quintal se estirava até a brenga. De repente, como num sonho, ela se pluraliza, era como se outra mulher se desprendesse da fugitiva, sendo uma só imagem duplicada no opaco das árvores. O menino esfrega os olhos. As duas só com as roupas de baixo e uns panos leves abertos cobrindo a cabeça e parte das costas. Pareciam se desmanchar no ar enquanto serpenteavam entre goiabeiras, cajueiros e alguns arbustos espinhentos. Sentiu certo asco e enrugou a testa. Notou que elas tinham tonalidades diferentes de pele, uma mais nítida, a outra apenas um esboço raiado. Mas pareciam ter a mesma silhueta desnivelada, pois se contorciam como acrobatas desjeitadas para transpor a cerca de arame farpado e se desviar dos teiús (a cidade era infestada de teiús, de todos os tamanhos, alguns imensos), pensou em gritar por seu Arão, e até disse um “nossa mãe” para dentro, mas depois achou melhor ficar quieto, pois sabia que seria divertido ver aquele emaranhado de barbante sem pontas sendo desembaraçado no escuro.

Antes que chegassem até ele, o menino-saci adiantou-se para seguir o caminho da visagem e sair pelos fundos. Pulou a janela também, mas preferiu contornar a casa pelo corredor lateral, que dava para a rua. Àquela altura, o monumento branco e enrubescido já estava sentado na calçada, amparando-se na muretinha com o ombro esquerdo ao tempo que era abraçado carinhosamente pela moça de gorro de lã, a mesma que acariciava as maçãs inchadas do seu rosto, o beijava levemente nos lábios e indagava ofegante:

— Por que, hein? Fala, por que fez isso?

Ele não respondia nada, concentrado friamente em seu reinozinho pálido e silencioso.

— Por que, hein? Fala, por que fez isso? — repetia a moça limpando seus suores e esfregando as pernas compulsivamente.

A faca ainda estava lá, mas agora menos pungente aos olhos que no princípio. Via-se pela espessura do cabo plástico que era apenas uma faquinha de serra, dessas de cozinha, e que só parte dela havia entrado habilmente na região posterior do ombro, entre os ossos.

Havia também alguns policiais e uma enfermeira. Dentro da casa, mais dois agentes da lei admirando a lâmina fatal ensanguentada no chão, próxima à cintura

da vítima, e um grupo menor de pessoas, as que conseguiram saltar o murinho que, àquela hora, já estava cheio de meninos empoleirados como gaviões-miúdos em um fio de alta tensão. A eles juntou-se o primeiro, o desbravador, com um sorriso no canto dos lábios ressecados e de pés pegajosos. Entre todos ali, tinha certeza, era o único vitorioso.

I

Era o primeiro de janeiro de um ano qualquer e o novo prefeito tomaria posse no imenso palanque erguido no descampado, aos pés do Pau do Pilão, no fim da tarde. E tomar posse por ali não era apenas uma expressão eleitoral, mas uma ação categórica, incorporada aos costumes do lugar. Uma espécie de apoderação consentida dos cofres públicos e outras indecências. Pode-se dizer que o acontecido naquela manhã era uma pequena anomalia surgida para quebrar a excêntrica rotina de Pilão da Serra que, mesmo sendo de quatro em quatro anos renovada, não era mais que isso, uma rotina. Uma rotina excêntrica.

Pilão da Serra era uma cidadezinha peculiar, curiosa, e se distinguia das circunvizinhas no clima e no relevo. Situada em um ponto altíssimo da Chapada Diamantina, era bem fria para os padrões da região durante a maior parte do ano, e lá de baixo, onde ficava a rodovia mais próxima, só podia ser avistada por algumas horas, normalmente no começo da tarde, quando a neblina não tinha mais força para se condensar. Tais características também afetavam sua economia, baseada quase que totalmente no café, diferentemente das cidades próximas, fincadas nos vales, que se sustentavam da parca renda dos aposentados, dos pequenos rebanhos

de caprinos ou do turismo ecológico. A serra, que tinha um formato que lembrava, de maneira vaga, mas conveniente aos de imaginação fértil, um pilão rústico esculpido pelo tempo, era toda arranhada de cafezais que também se escondiam dos motoristas que passavam distraídos em busca de paisagens de impacto, mais promissoras, com quedas d'água e trilhas reptantes. Mal sabiam eles que valeria a pena ver o resto do mundo dali de cima e conhecer alguns animaizinhos estranhos que só davam naquelas paragens altas. Era como se Pilão da Serra fosse realmente a “galápagos baiana”, como era chamada por alguns biólogos amadores da cidade que costumavam acampar todas as sextas e sábados no Pau do Pilão, um morro pedregoso e um tanto cilíndrico que parecia se lançar perigosamente aos infinitos da Chapada, a partir de uma das beiradas da serra.

O velho Bizantino logo foi avisado da tragédia. Ele passava os dias especiais do ano, os feriados santos, as festas típicas ou os encontros políticos, em sua vivenda, na cidade, e não na fazenda como de costume. E estava ali, desta feita, para passar as honras do município ao seu neto, Belão, um abobalhado administrador de brisas e novo prefeito eleito que, na prática, era apenas a continuidade de suas pernas e braços engelhados no modesto prédio da prefeitura.

Quando ele chegou ao local, o populacho tratou de abrir campo para o velho Bizantino se botar a par dos

acontecimentos com seus próprios olhos. Via-se que não estava nada bom. Embrutecido. Afinal, logo ali, àquela hora da manhã, quando já estavam os últimos preparativos da posse sendo rendados pelas mãos dos seus bajuladores, haveria de acontecer uma tragédia daquelas, e ainda mais tendo um de seus empregados como o protagonista! Lamentava-se. Via-se que o velho não estava nada bom, mesmo.

— Que aporrinhação é essa! — disse Bizantino.

— É isso aí que o senhor tá vendo, o Mineiro — intrometeu-se seu Arão.

— Logo tu, Mineiro, desencardido! — completou o velho que, num rompante, empurra Marcelina, a moça de gorro, para o lado e puxa toscamente a faquinha serrilhada que maltratava o rapaz.

A enfermeira deu um pulo recuado e, após se equilibrar com dificuldade, disse de queixume:

— Faz isso não, seu Bizantino, olha o pobre como tá!

Os meninos empoleirados zuniam uma balbúrdia dos infernos em gargalhadas, enquanto o homem se estatelava no chão ao se contorcer em gemidos.

— Parem de rir, seus sacis! Vou dar uma destas na cara de cada um — disse Marcelina ziguezagueando uma das sandálias com a mão.

Alguns dos meninos se calaram, até porque sabiam que ela podia descontar a desfeita na escola, onde era a professora mais peçonhenta de todas. Mas aquele

primeiro, saliente e ousado, que malmente chegava ao portão do grupo escolar para se desviar e ficar perambulando e recolhendo pedrinhas a esmo, enfrentou-a replicando:

— Deixa de ser besta, Marcelina, bem eu que te conheço!

Sabe-se lá o que ele quis dizer com isso, mas o que se sabe é que Marcelina se contraiu envergonhada e botou a sandália de volta no pé.

Bizantino estava lá dentro dando pressa aos homens que aprontavam o defunto quando as velhas encruadas começaram a entoar aquelas ladainhas fúnebres de igreja. Vinham, segundo elas, pedir pela alma do pecador de outras crenças. Algumas delas com lenço na cabeça e outras com velas acesas sobre pires ou pedaços de cerâmica. Era um sinistro coralzinho polifônico, desconcertante, rodeado de teiús encantados com as melodias estranhas que aquelas beatas produziam. O velho se irritou mais ainda, mesmo sabendo que os teiús, seus protegidos, eram audiência cativa nos velórios e missas somente por causa da cantoria arrastada das anciãs. Ele havia feito um esforço danado, usando parte do pequeno orçamento do município (que vinha sendo administrado nos últimos anos por seu outro neto, o chamado Beto Broco), para fazer um gigantesco trio elétrico subir a serra e animar a festa do lagarto, a cerimônia de posse. E não seriam aquelas de vozes estrepitosas de crendices

que iriam desvirtuar a trilha sonora do dia primeiro de janeiro mais importante dos últimos anos! Primeiramente se certificou se sua filha, Viuvinha, estava entre elas. Não estava. Abaixou-se, apanhou um pedaço de adobe e o arremessou na direção do coral de velhinhas que, apesar de não ser alcançado pela munição bisonha, pois Bizantino já vinha limitado em suas fraquezas, se desmanchou amedrontado, espalhando azedume.

Pegaram o cadáver pelos tornozelos e punhos e o jogaram numa tábua de andaime bem maciça para suportar o corpanzil. Nem mesmo jogaram um lençol sobre ele, o que agradou a pressa do velho Bizantino, somente preocupado com as consequências do malfeito para o horário da posse de Belão, o palerma.

Quando o corpo passou pelo portãozinho amarelo, o coral rejuntou-se e voltou a entoar as suas ladainhas fúnebres, mas o velho Bizantino desistiu de afrontá-las desta vez, pois viu que sua filha, a dita Viuvinha, acabara de se unir ao coro do qual se proclamava regente. Mãozinhas pra cá, mãozinhas pra lá, e a cantoria agoniada só crescia em volume e desarmonia. Mas não por muito tempo, pois outro tumulto barulhento formara-se entre os meninos empoleirados, abafando as cantigas macabras. Eles juraram que de lá, da pequena altura em que estavam, puderam ver o defunto revirar os olhos e passar a língua nos lábios como se tivesse sede.

II

Permitiram que Marcelina acompanhasse Mineiro até o posto policial, onde ele prestaria depoimento. Como as instalações do posto de saúde e da delegacia eram semelhantes em salubridade e desconforto, não houve desacordo quanto ao atendimento médico para tratar a ferida. Bastava apenas um tamborete para o paciente se sentar, água e álcool. Doutor Constantino Dolores, o médico, na experiência de mais de oitenta anos de trato profissional, no alto de seus cento e quinze anos de idade, daria conta do diagnóstico e do receituário. O delegado Arturo Penacho, também experiente, apesar de um pouco mais jovem que o médico, ainda na casa dos cento e dois ou cento e três anos (nem ele mesmo tinha certeza), sendo que mais de cinquenta deles dedicados à lei e à ordem, também faria seu papel a contento, esperava-se.

— Vamos limpar direitinho para não supurar a ferida e dar uns pontinhos — disse o médico.

— E depois vamos tomar o depoimento do Mineiro. Ô mineirinho, logo tu! — lamentou-se o delegado Arturo.

Mineiro detestava ser chamado de mineirinho, até porque não era mineiro, era paranaense de Maringá, mas passara alguns anos em Belo Horizonte antes de

chegar a Pilão da Serra. E sua permanência deveu-se a mais um rompante megalômano do velho Bizantino. Anos antes, uma saca do café produzido na serra chegou a Vitória da Conquista, onde causou admiração profunda. Melhor até que o de Piatá! Diziam empolgados. Melhor até que o de Piatá! Um dos caminhões de Bizantino virou na descida do morro, já no finalzinho da tortuosa e torturante estrada de terra, no entroncamento da rodovia, sendo saqueado por alguns motoristas que trafegavam por ali, a maioria em férias. Daquela cidade, por uma coincidência graciosa, acabou chegando à capital mineira onde estava sendo realizado um concurso de cafés gourmet.

Mineiro era um aprendiz de barista e foi encarregado de investigar a procedência daqueles grãos louváveis. Depois de passar maus bocados pelas estradas do sudoeste baiano, chegou a Pilão da Serra e foi seduzido por uma proposta rechonchuda do

cafeicultor. Ele queria usar os serviços do rapaz para qualificar ainda mais seus frutos preciosos, que não seriam comercializados apenas nas redondezas da Chapada ou levados, vez em quando, para Pernambuco ou Goiás, como eram até ali. Mas seriam apreciados também nas capitais do sul. Ou, quem sabe, até em Paris. Apesar de estranhar o vaivém dos répteis pelos calçamentos da cidade, Mineiro de lá não saiu mais. E convidou também sua mãe, dona Elina (que não o

largaria mesmo de modo algum), poucos meses depois para morar com ele. O pai havia desistido da família há tempos, ficando no Paraná com uma polaca vistosa. Então venderam um apartamento minúsculo que tinham em Belo Horizonte e com o dinheiro compraram três casinhas humildemente dignas nas redondezas do comércio. Moravam na maior delas e as outras, um tanto menores, alugavam como podiam para as secretarias da prefeitura, ou para qualquer inquilino que se dispusesse a pagar com certa regularidade.

— O senhor acha que vai dar em quê, doutor? — disse Marcelina virando-se para o delegado.

— Vamos recolher alguns depoimentos, ouvir o acusado e depois veremos o que fazer — respondeu-lhe Arturo Penacho olhando-a de cima a baixo.

— Mas só amanhã, só amanhã! — ordenou o velho Bizantino, que, por ser chamado de velho até por seus amigos mais próximos, o médico e o delegado, preferia esconder a idade para não botarem olho gordo em sua sobrevivência desmedida.

Neste instante chegam os soldados com o corpo do rezador. Disseram que haviam levado ao hospital, à prefeitura, à secretaria de saúde e à farmácia, tinham até arriscado uma paradinha no boteco do seu Gago, veja só, mas ninguém queria saber dele. O lugar seria mesmo ali no posto policial, onde funcionava a delegacia.

— Então está aí a primeira pena do condenado, dividir a cela com o defunto — disse Bizantino.

— Esqueceram que estou aqui também! — disse uma voz vinda do cafundó escuro da cela. Era um quartinho profundo e estreito.

— É uma verdade, virgem santíssima, já havia me esquecido de você, Salobro — disse o velho, sorrindo.

— Disseram que eu ficaria preso só até a posse, não se esqueçam! Foi o combinado. Amanhã eu saio daqui — completou o jovem encarcerado.

— Então largue esses livros aí e se aproxime do defunto também. Olha o tamanho do rezador, Salobro, olha! — falou o delegado com desdém.

Salobro arregalou os olhos de maneira ridícula. O velho se benzeu com a mão trêmula, algo frouxa. Doutor Dolores tentou se segurar, afinal, cultivava grande respeito pelos desencarnados, mas foi inútil, e riu de não se aguentar ao ver aquelas reações extravagantes. Riu tanto que até molhou as calças.

— Podem deixar! Eu mesmo irei embalsamá-lo — disse Doutor Dolores enxugando as lágrimas do riso, mas sem se importar com a incontinência que deixara o piso escorregadio.

Marcelina se indignou:

— Os três na mesma cela, isso não!

— Não se esqueça de que eu sou o mais prejudicado. Quem perdeu a paz do cárcere fui eu, Marcelina

— disse Salobro, que se autoproclamava um preso político, enquanto tentava salvar seu colchãozinho e seus livros do curso da urina.

— Esta delegacia só tem um quartinho gradeado, senhorita – disse o delegado para a moça.

Mineiro deu ombros e fez cara de pouco se importar. Um gesto familiar, tão reconhecível, mas que nunca havia sido dispensada a ela ou às coisas que a ela se referiam, como suas vontades e melindres. O rapaz, agora, pouco parecia aquele monumento desengonçado e rubro de momentos atrás. Na verdade, Mineiro voltava a ter aos poucos a mesma aparência desenxabida que sempre teve. Mas para sua noiva, subitamente, um quê de heroísmo e altivez havia se apoderado dele.

— Mas, meu amor, pode isso? — disse Marcelina cheia de recato sem se dar conta de que estava exposta.

Mineiro estranhou os dengos de Marcelina, que normalmente economizava sutilezas. Depois pensou que talvez a mudança tivesse sobrevido daquela desventura matinal. E ele não sabia se aquilo era exatamente bom ou ruim.

— Ele não quer conversa com você. Acho melhor a professorinha se picar daqui!

— ordenou o velho, ungado de brutalidade.

Marcelina olhou para Mineiro com ternura, mas ele deu de ombros novamente, mostrando não querer conversa.

— Vá embora, moça, é melhor. Não que eu queira que vá, mas... — aconselhou o delegado, enquanto a media despudoradamente.

Mineiro repara os trajes da noiva, do gorro de lã à sandália, e então se fecha ainda mais, contrariado.

— A professorinha desentende português? — disse Bizantino com aquela cara carantonha enquanto coçava o dorso de um teiú preguiçoso com os pés descalços.

O velho (que carregava em si, desde o nascimento, nome de cemitério), há muito vinha lidando com a vida e a morte em Pilão da Serra, mesmo antes desse ajuntamento se declarar emancipado. Chegou das barrancas do Rio Paraguaçu, das paragens de Marcionílio Souza, e ali se estendeu como raízes e galhos de árvore. Diziam que boa parte das terras que formavam as paredes do Pilão, de onde brotavam os frutos de um café excelente, ele conquistara na bala e na palavra, removendo uma pequena tribo na enganosa insistência de que era lá o verdadeiro local das Minas de Prata, das quais ouvira falar por fulanos que ouviram da boca de um tal de Lindolfo Rocha. Primeiro camuflou-se de amigo, como costumam fazer os conquistadores, até aprendeu algumas pajelanças e receitas infalíveis com os índios, para depois traí-los em embustes e artimanhas. Os poucos

que sobraram preferiram descer a serra e se acomodar às margens dos rios ou nas periferias das cidades da Chapada Diamantina e arredores, até se dissiparem de forma paulatina, quase que por completo, ficando apenas alguns vestígios de seus biótipos nos traços de alguns indivíduos da região.

Vem de lá, daqueles primórdios, a afeição de Bizantino pelos teiús. Contava que havia sido pego numa emboscada. Passeou até a luz fria da morte, deu meia volta e retornou à vida. Quando despertou estava deitado em uma cova rasa, sujo da cabeça aos pés, mas vivo. A terra quase toda revolvida fora do buraco. Ao limpar os olhos e erguer a cabeça deu de cara com um teiú imóvel, as garras em frangalhos, exaurido de suas forças, quase morto. Ele o levou para casa, cuidou do lagarto até que tivesse recuperado e pronto para ser solto no campo branco. Mas o teiú ficou (como se indicasse um acordo ou uma espécie de pacto), e outros vieram, e se reproduziram e se estabeleceram como meeiros daquelas terras. Por viverem tão à vontade, alguns chegavam a tamanhos espantosos, capazes de rivalizar com gatos e cães de rua, a ponto de substituí-los quase que totalmente na vadiagem dos bairros. Ninguém tinha permissão para caçá-los, mesmo assim, vez por outra, era possível sentir o cheiro da carne queimada subindo pelos campos, misturando-se ao aroma do café torrado, além de restos de couro endurecidos pelo tempo. O úl-

timo a ser pego de surpresa em tal prática (sim, o dito falastrão conhecido como Salobro), como penitência, foi enterrado até o pescoço dentro de um cafezal, na fazenda de Bizantino. Enfiaram três ovos goros de pata na boca do dito cujo, deixando-a intumescida, deformada, e depois soltaram o esfomeado Cavador, um dos gigantescos répteis de estimação do velho (o lagarto salvador, o seu predileto), para se alimentar dos quitutes. O pobre vomitou toda a carne proibida enquanto recebia dentro da goela os açoitos suculentos e retorcidos da língua do Cavador, que se deleitava ao devorar ovos e carniças. Dizem que o homem saiu de lá rumo à delegacia, resignado, jurando ter aprendido a lição. Coisa que só o tempo poderia dar fé, ou não.

III

Ao sair do posto policial, Marcelina se viu cercada de meninos-sacis, homens desocupados e velhas conversadeiras. Todos a olhavam esperando dela uma reação qualquer, mas a moça se absteve. Sentiu falta de sua mãe, Rosália, e imaginou que era provável que a mesma estivesse dormindo até tarde novamente como vinha se acostumando a fazer nos últimos meses, ainda mais depois da maldita festa de réveillon que dona Elina havia dado. Contra a vontade do filho, diga-se.

A moça de gorro estava preocupada com o desprezo do noivo, mas não podia negar que havia também algo de excitante naquela atitude inesperada, um friozinho na barriga que nunca sentira anteriormente ao lado do rapaz. Lembrava algo que vivenciava intimamente quando Alfonso aprontava uma das dele. Pensou em tantos sustos que tivera, como a capotagem do jipe, o deslizamento das pedras ou a briga contra os dois irmãos ciganos armados. Havia um tanto de alegria neste relembrar, mas também um travo de remorso e angústia.

Ao chegar à Ladeira da Paz, que fazia esquina com a sua rua e depois continuava a subir, deu de cara com o enorme trio elétrico contratado para a posse de Belão. Uns homens carrancudos e descamisados verificavam os

pneus, outros desamassavam o para-choque. Os músicos limpavam os instrumentos e a vocalista tentava tirar o barro dos tamancos enquanto mostrava, contrariada, um buraco enorme nas meias-calças. O velho Bizantino havia tentado contratar o Mestre Adonias, um lendário sanfoneiro daqueles sertões, mas os seus contatos afirmaram que o mesmo havia tirado um período sabático, no silêncio de um retiro qualquer, ou, quem sabe, havia apenas envultado mesmo para trocar as escamas do tempo, como das outras vezes. O certo é que aquele grupo veio bem a calhar. E era a mesma turma de sempre, uma banda de nome esquecível que vinha de Feira de Santana com uma admirável coragem circense para espalhar distração e recolher alguns trocados.

— Venha comigo, mamãezinha, chega aqui, venha, dá uma bicadinha! — disse fogosamente um deles, de maneira arrastada, quase cantando. Ele oferecia a garrafa que tinha na mão para Marcelina, e sorria debochado com os outros.

A moça fez cara de nojo e só então se deu conta de que estava com o vestido um tanto desabotoado, e por isso revelava parte de seus seios. Tratou de recompor-se, enfezada.

— Chama sua mãe, sataná, pra beber com você! — e ainda soltou outras maldições desalinhadas. Era a Marcelina que todos conheciam. A parte de si que não fazia questão de esconder, principalmente do noivo.

A cantora parou suas lamentações pelas meias-calças esburacadas e fez cara de asco também. Olhou para Marcelina, já recomposta, como se prestasse solidariedade à moça, mostrando saber exatamente o que ela sentia. Mas manteve-se calada e rapidamente voltou suas atenções para os tamancos sujos.

Marcelina seguiu vencendo a ladeira até chegar à esquina da rua onde morava. O lugar vivia cheio de crianças pequenas, teiús e meninos-sacis. Saltou alguns répteis e também as crianças agachadas que brincavam com eles. Zigzagueou entre os meninos, mas acabou esbarrando em um, logo nele, o menino-saci que a conhecia muito bem, seu vizinho do lado esquerdo.

— Tem educação não, bruxa velha — disse o garoto todo cheio de si. Talvez Marcelina tenha se ofendido mais pela velha do que pela bruxa.

— Você fica aí com gaiatice, seu molambo, enquanto os teiús estão beliscando os pés da sua bisa.

— Onde? — o menino faz força para enxergar.

— Não vá acudi-la não, seu moleque, para ver a desgraça! Coitadinha de dona Maricota — lastimou-se indicando com o queixo a pobre senhora sendo assediada na varanda.

O menino-saci saiu esbaforido, pois sabia que uma de suas tarefas era a de espantar os teiús que de vez em quando cercavam os pés de sua bisavó, dona Maricota, que tinha o corpo parcialmente arroxeadado pela morte.

Apesar de mandar recados quase diários, a maldita se recusava a chegar-lhe definitivamente. A velha já estava quase cega e perdera os sentidos das extremidades de seu corpo desde os cento e oito anos, e por isso

era presa fácil para os gracejos mal intencionados dos teiús. Apesar de sua estrutura estar levemente mumificada, dona Maricota não se negava a oferecer sorrisos e acenos a todos que a cumprimentavam. Ao ouvir um bom-dia ou boa-tarde ela logo arreganhava os lábios indolentes. Sua dentição era assombrosamente branca e natural. Mantinha-se assim, segundo ela, por conta do antigo hábito de mascar pedrinhas todos os dias, só deixando-as na hora de comer e dormir. Ela passava o dia inteiro na varanda remoendo as pedrinhas brancas e polidas que o bisneto juntava e guardava numa caixinha de joias há muito em desuso e, apesar de envaidecida pelos elogios aos seus dentes, se pudesse escolher estaria absolutamente morta e livre dos agulhadas do tempo.

Marcelina parou por um instante para observar o desespero do garoto ao socorrer dona Maricota dos inconvenientes répteis. Tinha onze, talvez doze anos. Quando pequeno, lembrava, não era tão desagradável como agora. Havia se tornado um estorvo para muitos, principalmente para ela, sem dúvida, mas para a velhinha era uma benção. O menino-saci, que não fumava cachimbo, nem usava carapuça vermelha e tinha duas pernas demasiadamente boas, vivia fazendo o muro bai-

xo que separava as duas casas de cavalete ou de poleiro. Às vezes, ficava ali por horas a fio como um carcará à espreita, portanto poderia ter visto alguma ilicitude de sua parte ou testemunhado intimidades, quem sabe. De qualquer forma não seria prudente provocá-lo além do necessário.

Antes de abrir o portão, ainda na calçada, Marcelina pôde ouvir a música lenta vinda lá de dentro e concomitantemente sentir o cheirinho da comida que sua mãe fazia. Dona Rosália era extremamente hábil com as especiarias, além de temperar magistralmente assados e cozidos. Ao ver a filha entrar, a mulher vira-se buscando uma aproximação com aparelho sonoro, uma pequena vitrola revestida de um material plástico que imitava madeira. Ainda enxugando o suor da testa brilhante e tentando disfarçar as lágrimas, ela abaixa o volume, deixando o disco girar quase imperceptível.

— Estou vendo que a senhora já soube, não é, minha mãe? — disse Marcelina indo abraçá-la.

— Vou sentir tanta falta dele — disse dona Rosália enquanto retribuía o gesto de ternura.

— Eu também, minha mãe, eu também — disse a moça enquanto tentava se livrar do vestido.

— Nem imaginava que você gostasse tanto dele, estava até ouvindo aquela do Roberto Carlos, a sua favorita — disse a mãe em prantos.

— Acalme-se, minha mãe, ele está lá na delegacia, coitadinho, naquela cela mais os outros dois — disse Marcelina enquanto vestia um roupão branco e tentava se lembrar das preferências musicais do noivo.

— Nem consigo imaginar a situação que me dói — disse dona Rosália, desconcertada.

— Quem sabe a senhora ele escuta. De mim não quer saber, como se eu tivesse alguma culpa — disse Marcelina, deixando a mãe ainda mais embaraçada, pois agora dona Rosália havia se dado conta que falavam de encarcerados diferentes.

— Pois é... Assim, não sei, não sei... Acho que não tenho estrutura pra isso, sou capaz até de... — disse dona Rosália, resignada, colocando o vestido de Marcelina no cesto de roupas sujas. — De, de... Não quero nem pensar!

— Mas dona Elina já deve estar lá. A senhora bem que podia ir também — disse Marcelina enquanto olhava para o gorro de lã, mas viajando em lembranças nesses microssegundos, recordando-se lamentosa do lindo chapeuzinho pillbox que perdera enquanto andava na garupa de Alfonso, anos atrás.

— Não sei se ela teria essa coragem toda — disse a mãe saindo para cozinha.

— Mas foi o filho dela quem fez o que fez — disse Marcelina.

— Por isso mesmo, filha, por isso mesmo. Elina é muito sensível — disse dona Rosália enquanto experimentava o arroz.

— Eu bem que podia falar com Belchior. Ele, eu tenho certeza, o Mineiro escuta

— disse Marcelina.

— Aquele homem ainda não foi embora?

— Espero que não, minha mãe — rogou a moça unindo a palma das mãos como se fosse uma prece.

— Ele me assusta.

— O que você tem contra Belchior?

— Nada. Mas parece um bruxo. Senti até um arrepio subindo, olha! — Acrescentou dona Rosália.

— Pensei que gostasse destas coisas. E seu amigo feiticeiro?

— Era diferente, filha. E não era feiticeiro, era rezador. Benzedeiro. Só fazia o bem.

— Quer saber? Eu acho que ele me fez adoecer só para que eu aceitasse aquele banho de folhas — disse Marcelina que havia procurado o curandeiro para se livrar de uma febre estranha que lhe acalorava o corpo inteirinho.

— Moacir era um homem bom, filha.

— Parece que o feitiço que ele jogou em você está durando bem mais do que aquele lançado em mim, não é máinha? — disse Marcelina, maliciosa.

— Faça o que quiser. Vá procurar esse Belchior, vá!
— desaforou-se dona Rosália

— Vou mesmo. Falam por aí que tipos como Belchior até os mortos ouvem — disse Marcelina.

Dona Rosália botou as mãos no rosto. Quietou-se.

— É só um instante, minha mãe, eu já volto. —
concluiu ela sem ver que os olhos de dona Rosália estavam novamente marejados.

IV

O corpanzil do homem já estava embalsamado e dentro do caixão. O ataúde parecia ter sido improvisado por causa dos remendos de madeira e pregos expostos, mas seu conteúdo permanecia incólume, plácido, como se o rezador apenas aproveitasse momentaneamente as benesses de uma sesta. Doutor Dolores costumava caprichar nas poucas oportunidades que tinha para embalsamar, pois era raro que alguém morresse em Pilão da Serra, ainda mais com aquela espetaculosa violência. Ele havia se trancafiado com o defunto no escritório do Doutor Arturo e saído de lá se gabando dos seus primores e requintes com os mortos.

— Todo o respeito ao mexer com ele, certo? Era um conhecedor das coisas do outro mundo — disse o médico que apelava aos tratamentos não convencionais quando a ciência se abstinha.

— Deixe de credices, Dolores! — Zombou o delegado.

— Abandone este mau-costume de caçar da fé alheia, meu amigo — repreendeu-lhe Doutor Dolores.

— Só não me atrevo com os fanáticos, quanto ao resto... — disse Doutor Penacho.

— Cuidado com o que fala. Vi mais coisas que você nessa vida, Arturo. Deixei os patuás com ele aí

dentro. Você nem imagina, nem imagina! — Disse o médico se benzendo.

O delegado se assombrou e, por precaução, repetiu o mesmo gesto protetor. Depois empurrou sua própria mesa (que mal se equilibrava em quatro rodinhas tibialmente encaixadas) para dentro da cela e pediu a ajuda dos dois presos cismados para dispô-la respeitosamente num cantinho. Apesar da cerimonial prudência, estava agoniado. Só queria sair dali. E assim o fez.

Salobro apanhou o pequeno colchão que o acompanhava nestes últimos meses, se aproximou de Mineiro e perguntou:

— E aí, Mineiro, como é mesmo a sensação?

Mineiro se virou para a parede sem respondê-lo. Salobro alisa analiticamente a pelugem negra do queixo e insiste:

— Hein, e aí, o que a gente sente quando mata um homem?

Mineiro continuou a ignorá-lo.

— Você é mesmo de falar pouco, não é? — disse Salobro — Eu falo demais, por isso me meto em encrenca. Eu sei, eu sei, não aprendi a lição, mas nem uma palavrinha sequer? Você não quis falar nem com a própria mãe, desnaturado!

Mineiro permaneceu impassível.

— O que temos aqui, um defunto ou dois? — provocou Salobro.

O silêncio persistente o fez pensar que, naquela cela, ele era realmente o único com vida.

O som estalado dos fogos de artifício começou a rasgar a pasmaceira, chamando a atenção de ambos. Mineiro gesticulava mostrando-se irritado com tanto barulho. Salobro, ao contrário, agora comedido em seus gestos, passava a divagar sobre o que estaria provavelmente acontecendo lá fora.

— Aí está: o bobalhão deve ter chegado. Ouvi o delegado dizer que ele sairia de Salvador apenas algumas horas antes da posse. Aposto que há um bando de bajuladores em volta dele. Devem ter agregado suas adulações ao preço do voto. Esta cidade precisa de uma revolução, meu camarada!

Mineiro parecia desinteressado no monólogo. Contudo, isso pouco importava para Salobro, muito atento em si mesmo.

— Ninguém sabe quem é mais débil, Beto Broco, Belão ou o povo subserviente que vota neles. O velho Bizantino eu sei que de tolo não tem nada — disse o falastrão.

Salobro é interrompido por mais fogos, agora numa sequência ainda mais longa e ensurdecidora. Mineiro coloca os dedos indicadores nos ouvidos e fecha os olhos.

— Ouça o exagero dos estouros. Parece que está havendo a tomada de uma cidade em tempos de guerra. Quem dera fossem os revolucionários. Mas não são — suspirou.

— Se bem que, da forma com que a família do velho vem governando Pilão da Serra, é como se essa cidade estivesse sendo sempre conquistada, ou melhor, reconquistada por ela, continuamente, a cada eleição. Cada voto comprado ou extorquido é um morteiro. Seriam eles, então, o quê? Algo como... Vejamos: “intra-revolucionários”? Ou, talvez, “centripetocratas”?

Mineiro, antes disperso e impassível, olha admirado para Salobro. Pensou que o companheiro de cela poderia substituir seus neologismos por “autocratas” ou “oligarcas”, mas não disse nada. Até se divertiu com aqueles malabarismos linguísticos. Sempre teve Salobro como um bufão sem papas na língua, mas agora, apesar de ainda considerá-lo assim, pensou que outro adjetivo também poderia lhe ser atribuído: lúcido. Um lúcido bufão sem papas na língua! Quem sabe até uma versão sertaneja do Feste, de Shakespeare.

— Está vendo esse aqui, o nosso companheiro? — indagou Salobro apontando para o defunto — Nasceu para isso, para morrer na inocência. Na inocência não, corrijo, na ignorância. Porque ninguém é, de fato, inocente. E vai se tornando ainda mais culpado com o passar do tempo, ao se omitir das injustiças dessa vida. Ou

então se torna logo um criminoso por fazer uma asneira qualquer, como você fez.

Mineiro se transfigura. Parece exaltado, enfurecido. Dá dois passos firmes em direção a Salobro. E, subitamente, para.

— Você, você... — Mineiro não completa a frase, mas cerra os punhos. Salobro ri.

Debochado.

— Você, o quê? — perguntou Salobro. — Pode me dizer, Mineirinho? Está com raiva? Muita raiva? Então pode me bater, Mineirinho! Isso se você tivesse coragem, Mineirinho, mas você não tem, não é?

As ofensas faziam com que os lábios pálidos de Mineiro tremessem e espumassem nos dois cantos.

— Você não tem coragem, Mineirinho, você não tem aquela macheza toda que Alfonso tinha. Você sabe disso e Marcelina também. Foi tentar ser macho e olha o que fez — disse Salobro jogando o polegar em riste para trás, onde estava o caixão. — Arrojo é coisa para homens de verdade, Mineirinho, não para você.

Mineiro sente-se definitivamente ofendido, colérico. Dá mais um passo em direção a Salobro que permanece ali, com os olhos bem abertos, esperando. Aquele bobo da corte havia ido longe demais! Então um soco. Raivosamente desferido, de esquerda, bem na cara do linguarudo. Salobro tomba e ri. Gargalha.

— É isso aí, Mineirinho, é assim que se faz! É o mínimo que se espera de um assassino, pelo menos um soco — disse Salobro ainda rindo e olhando para o sangue que acabara de pingar do nariz. — Alfonso, meu amigo Alfonso, que saudade dele! Por onde anda agora? Era dos meus. Você ia gostar dele também — completou o falastrão enfiando um chumaço de tecido vermelho nas narinas.

Mais fogos de artifício são ouvidos e, misturados aos seus estampidos, o som estridente das guitarras e das percussões que tentavam harmonizar a monossilábica canção, repleta de onomatopeias, que uma voz friccionada tentava entoar.

— Está ouvindo, Mineiro? Esse é o som da flauta que encanta os ratinhos, a nossa gente — disse Salobro indicando aspas para as palavras flauta e ratinhos. — Talvez até repitam a famosa cerimônia, aquela em que o próprio velho, o Senhor Lagarto em pessoa, tomou posse pela última vez. Acho que você não morava aqui ainda. Isso foi há mais de dez anos. O trio elétrico arrastando o povo e o velho à frente, num jipinho aberto, de luvas brancas e terno pomposo. Acenava envaidecido para as senhoras e as crianças recostadas nas janelas das casinhas sem reboco. No banco de trás, duas misses jogando pelo caminho os grãos de café que carregavam em peneiras de vime. E mais à frente ainda, duas de suas bisnetas, vestidas como pastorazinhas irlandesas,

mas de verde e amarelo, claro, levando alguns teiús gigantescos, entre eles aquele lagarto asqueroso, seu embaixador no bestiário, seguros em coleiras de prata.

Salobro dá uma breve pausa, retira os trapos vermelhos das narinas, e continua:

— Mas não, desta vez não. Talvez seja o tempo de deixar os lagartos descansarem nas pedras, compreende? — O espectador, confuso, semicerra os olhos, o orador insiste.

— É só mais uma metáfora, Mineiro, uma metáfora! Aliás, parece que este lugar não passa de uma alegoria bizarra, e por isso nada que diz repeito a ele é levado a sério.

Mineiro foi recriando as imagens em sua cabeça enquanto Salobro as descrevia. Chegou a duvidar de cada palavra dita por ele, mas quando viu que, ao final do relato, Salobro permanecia sisudo e compenetrado, resolveu dar-lhe crédito, mesmo que por fé no absurdo, simplesmente.

O som da balbúrdia continuava chegando até eles. Um alvoroço! E a cada segundo a algazarra se tornava ainda mais embaraçosa e tentadora, como um pandemônio magnético.

Salobro se rende à euforia e, de repente, suas feições se transformam pela excitação:

— Eu preciso ver isso! Eu preciso ir lá! Quero ir atrás do trio elétrico também.

— Você é maluco! — disse Mineiro, incrédulo, até ver o companheiro de cela tirar um molho de chaves do bolso e se pasmar.

— O que foi? Por que o espanto? Este é o verdadeiro país das maravilhas! Eu sou um homem do povo. Eu sou o povo. Eu quero é festa, galego! — Mineiro parece não acreditar no que via e ouvia, mas Salobro prosperava suas contradições com eloquência e despojamento. — Doutor Penacho deixa uma cópia das chaves comigo para qualquer eventualidade, como a de hoje. Os guardas têm mais o que fazer com tanta gente na rua

— disse Salobro abandonando definitivamente a sua face circumspecta.

A algazarra, cada vez mais intensa, era a trilha sonora perfeita para aquele despropósito. Mineiro sentiu vertigem e um enorme desconforto. Eram as dores do ferimento que se sobrepunham ao efeito consolador dos analgésicos, já no fim.

— Atrás do trio elétrico só não vai quem já morreu — cantarolou Salobro olhando para o caixão sobre a mesa do delegado. — Mas há exceções! — completou, virando-se para Mineiro, debochadamente, enquanto punha alguns livros e panfletos num bernal.

— Você vai ficar aí, exatamente onde está — disse ao abrir o cadeado. — Posso ser maluco e subversivo, Mineirinho, mas não a esse ponto — sentenciou Salo-

bro já do outro lado das grades, trancafiando o, agora,
ex-companheiro de cela.

V

Marcelina jogou-se na cama e enfiou a cara no travesseiro. Era um quarto simples: um pequeno guarda-roupa de pinho, uma cama de solteiro, um radinho de pilhas na cabeceira e a única coisa que destoava daquela modéstia toda: um suntuoso quadro com a foto de Alfonso, à lá James Dean, na parede do lado esquerdo, justamente o lado para o qual ela costumava dormir virada.

Belchior havia prometido conversar com Mineiro antes de partir, por isso ela se sentia mais consolada e esperançosa, porém ainda aflita, afinal, como o noivo escaparia daquela enrascada? Além disso, nada lhe garantia que os conselhos de Belchior fossem aproveitáveis, e se ele não gastaria o pouco tempo que tinham com conversas intermináveis sobre elevação espiritual, entidades da floresta, histórias do outro mundo, ou algo assim.

Do quarto, apesar do ruído que vinha aos poucos aumentando, ouviu alguns cochichos e o som de narizes sendo assoados. Levantou-se e foi até a porta, onde teve a certeza de que se tratava de sua mãe e de dona Elina, sua sogra. Marcelina partiu para abraçá-las, e logo estavam as três se queixando em uníssono.

O som do trio elétrico começava a se aproximar, dava até para sentir pratos e talheres tremulando sobre a mesa. A multidão parecia não se importar com o chuvisco teimoso que, às vezes, se convertia em chuva forte para voltar a ser chuvisco minutos depois, e assim sucessivamente. Os urros da população arrastada em êxtase pelo trio contribuíam significativamente para o estardalhaço.

As mulheres se sentaram à mesa e começaram a conversar enquanto enchiam os pratos. Ainda cedo para o almoço, mas quem se importa? Ensopado de bode, pirão, arroz e caldo de pimenta. Dona Elina encheu uma colher de sopa daquele sumo picante e enfiou na boca.

— O piá nem quis conversa. Eu disse que ia fazer de tudo para ele sair de lá. Nada, nem uma palavra — disse a mãe de Mineiro, chorosa. — Deixei uma camisa e um lençol limpos amarrados nas grades, e ele nem fez menção de pegar.

O barulho fazia com que algumas palavras se perdessem no ar, como uma reticência estrondosa, mas dona Elina se fez entender.

— Ainda não acredito que teve coragem de aparecer por lá — disse dona Rosália, surpresa.

— Não teria paz, Rosália, não teria paz enquanto não fosse. É meu filho ali, trancafiado como um animalzinho.

— Tenha calma, mulher, os presos daqui não des-
cem assim tão rapidamente para o presídio de Conquis-
ta. Até lá as coisas mudam, tenha fé, a gente pensa em
algo — disse dona Rosália mastigando um suculento
naco de bode. — Pior é o desperdício da morte

— sentenciou.

— Eu sei, eu sei. Igual aquele homem enorme lá,
no caixão. Moacir se foi. Bom pedreiro, bom pintor,
ótimo eletricitista. E nem cobrava pelas garrafadas mila-
grossas e as rezas. Só queria ajudar. Pena que bebia de-
mais. Nem me lembrei de levar uma florzinha

— lamentou-se dona Elina.

— Era mesmo um ótimo faz-tudo. Um desses é
difícil achar em Pilão da Serra, pode acreditar. Eu tive
que trazê-lo de Jequié, e era ótimo, você sabe bem, mas
a cachaça... — disse dona Rosália, continuando as la-
mentações.

Marcelina ouvia pouco do que falavam, estava pen-
sativa e dispersa. Até que, enfim, voltou para a realidade
da cozinha.

— Se Mineiro for para o presídio eu me caso lá
mesmo e depois espero ele sair — disse Marcelina —
Eu que não vou ficar novamente ao léu.

As outras duas se entreolharam, desconfiadas. Te-
riam ouvido aquilo mesmo? Apesar de ser um desejo
explícito de Mineiro, Marcelina deixava bem claro que
não queria se casar tão cedo. Iria ao limite da fertilida-

de, seguraria até quando pudesse a execução da sentença autoimputada de ser mãe de família.

— É isso mesmo que vocês ouviram: eu quero me casar com ele, de qualquer jeito!

— berrou Marcelina no intuito de vencer a briga contra o trio elétrico. Estava tão concentrada em sua missão fônica que não notou que o silêncio havia se apoderado de Pilão da Serra, de repente, total e absoluto.

— Já te entendemos, filha. Agora, por favor, fale baixo — pediu dona Rosália. Marcelina levanta a vista e olha para o relógio na parede.

— Quinze para as doze. Agora que já ferveram os miolos do povo, vão levar o trio para o pé do morro. Estou surdinha, surdinha — disse Marcelina esfregando as orelhas.

— Lá pelas cinco horas começa tudo de novo, misericórdia — lamentou-se.

Sob o relógio havia um basculante e através dele puderam notar duas pernas magrelas se balançando. As canelas e as coxas finíssimas pareciam mal colocadas nos enormes joelhos de ossos salientes que, é certo, não deveriam fazer parte daquela engrenagem, de tão desarmonicos que eram. Só Deus sabe há quanto tempo ele estava ali, exposto ao chuveiro.

— Ô, menino-saci, tá com fome? — perguntou dona Rosália. O menino abaixou a cabeça para olhá-las pelo vão.

— Mãinha, não dê ousadia ao satanás! — disse Marcelina, irritada. Dona Rosália a ignora e chama o menino com a mão.

— Deixe o menino, Marcelina. O pobre tem dia que passa só com poca-zói e água.

— solidarizou-se dona Elina.

— Não come direito pra ficar por aí, atazanando, isso sim — disse a moça, ainda mais irritada.

— Tenha dó do pobre, Marcelina. O bichinho cuida tão bem da bisa — disse dona Elina.

Marcelina se lembrou de como o menino saiu esbaforido para acudir dona Maricota, sem se importar com o resto do mundo. E até sentiu um pouco de remorso ao recordar de quando ele era pequeno. Era até engraçadinho, o danado.

O menino-saci tinha outros planos, mas poderiam esperar um pouco. Logo se pôs à porta. Estava salivando. Fitava Marcelina com um sorriso desafiador, quase malicioso. No minuto seguinte já estava sentado à mesa. Dona Elina perguntou se ele havia lavado as mãos, ele fez que não com a cabeça, mas não se levantou para lavá-las e ninguém o repreendeu por isso. Dona Rosália deu-lhe um prato de alumínio e um garfo. Ele agradeceu com um sorriso terno. Marcelina admirou-se. Es-

tava arrumadinho e até cheirava bem. O garoto raspou o pirão da travessa e botou dois pedaços de carne no prato. Não parava de olhar para Marcelina enquanto comia. E ela, surpreendentemente, não se sentiu tão incomodada, aos poucos foi se sentindo até aconchegada no conforto da cadeira. Por um instante ela deixou de desviar seus olhos dos olhos dele. Notou que tinham o mesmo tom castanho que os de Alfonso. Essa lembrança deixou-a maternalmente amparada. Tanto que, num gesto inesperado, impensável minutos atrás, dedicou a ele um carinho singelo, secando-lhe as gotinhas de suor da testa com o polegar para depois acariciar-lhe a bochecha suavemente com os outros dedos. O menino “retribuiu-lhe” o agrado quase que imediatamente: botou a língua para fora com toda aquela massa morna mastigada sendo exposta, virou as duas pálpebras do avesso e, para finalizar a cena grotesca, passou a gargarhar e sacudir os braços freneticamente.

— Demônio! — disse Marcelina antes de desferir-lhe bofetão estalado na nuca e se levantar.

Era meio-dia em ponto.

PM

Post Meridiem

I

Mineiro aproveitava o silêncio repentino para descansar quando foi interrompido pelo delegado. Doutor Penacho passava as colheres nas grades como se ele fosse uma criança descobrindo os sons.

— Olha o rango, Mineiro! Trouxe lá de casa. A comida é de ontem, mas está boa, foi da ceia — disse com ares de camaradagem. — Parece que trouxe uma marmitta à toa. Cadê o Salobro?

— Foi atrás do trio elétrico — respondeu Mineiro.

— Ô cabra pra me dar trabalho! E ainda me fez desperdiçar comida, o encardido!

— Disse Doutor Penacho.

— Pode deixar que eu como as duas — disse Mineiro, causando certa admiração, afinal, era um magricela espichado, do tipo que parece comer pouco.

— Vou tirar esses panos daqui — disse o delegado desamarrando o lençol e a camisa que dona Elina havia levado mais cedo. — Vê se te acomoda num cantinho — jogou os panos para dentro da cela. — Você ainda ficará por uns dias aqui. Pelo menos até o velho Bizantino providenciar um advogado pra você. Em caso de legítima defesa, fica mais fácil. Foi legítima defesa, não foi, rapaz?

Mineiro não lhe respondeu. Ficou mexendo a comida com a colher como se procurasse a resposta no meio do feijão.

— Em caso de legítima defesa, a situação fica mais fácil, como eu disse. É melhor que tenha sido isso, Mineirinho. E ainda mais, quem se importa com ele? Era só um embromador, esse tal de Moacir. Um pé-de-cana sem residência fixa, segundo consta — disse o delegado, olhando para o caixão, ressabiado.

— Mas não era um à-toa. Veio para reformar a casa da rua da feira — disse Mineiro. — Dona Rosália o conheceu na Lapa. Rato de romaria. Acho que era de

Jequié. Só faltava uma semana para terminar a reforma e ir embora. Se não fosse a cachaça, já teria terminado.

— Deus me livre de ser atacado por um caboclo deste tamanho. Você fez o que tinha de fazer, Mineirinho. Foi legítima defesa, não foi? — voltou a perguntar o delegado.

Mineiro não lhe deu resposta novamente, apenas olhou por sobre seus ombros e sorriu.

— Claro que foi isso, seu delegado, só pode ter sido — disse uma voz grave e calma que vinha de trás.

O delegado se benzeu e esbugalhou os olhos.

— Quer me matar de susto, macho? Parece assombração — disse Doutor Penacho ao virar-se e dar de cara com Belchior.

Belchior sorriu e alisou o bigode. O pássaro-preto-branco que sempre o acompanhava em seus ombros desde que subira a serra, acarinhou as penas da própria cabeça com a garrazinha e piou.

Em Pilão da Serra alguns pássaros também guardavam estranhezas e excentricidades, como aquele tipo de pássaro-preto-branco, que cantava como pássaro-preto, se portava como pássaro-preto, vivia como pássaro-preto, mas tinha a penugem branca. Alvinha, alvinha.

— É muita coisa pra minha cabeça. Vou deixar vocês aí, conversando, estamos indo almoçar na fazenda do velho Bizantino. Gente escolhida a dedo. E eu não vou fazer desfeita por causa de vocês — disse o delegado enquanto contornava Belchior a certa distância, como se sentisse medo dele.

— Não vai trancar a cela, delegado? — disse Belchior, com uma proposital malemolência.

— Eu estou ficando é doido! Deve ser a má idade chegando — disse o doutor.

O delegado refaz o caminho percorrido com o mesmo cuidado, mas agora andando de costas. Após travar o cadeado, repete o primeiro contorno, vagarosamente, e depois sai bastante ligeiro para um homem daquela idade. Belchior se achega mais um pouco, segura as grades de ferro e diz:

— Isso não pode prender um homem realmente livre, Rodrigo — ele o chamava pelo nome de batismo, pois foi assim que Mineiro se apresentou no dia em que se conheceram, seis meses antes. — Só aquilo pode, entendeu? — disse Belchior apontando o nariz para o caixão.

Mineiro adorava ouvir o que Belchior dizia, talvez fosse aquele tom professoral que, de algum modo, lembrava o jeito que seu pai falava, mesmo que com sotaques e caracteres completamente distintos.

O encarcerado viu que atrás do visitante havia uma grande mochila, estufada de tão cheia, no chão do pequeno corredor que dava para a porta de saída. Preferiu não perguntar sobre ela, pois ainda não estava preparado para ouvir a explicação mais lógica sobre aquilo.

— E o livro, em que pé está? — perguntou o jovem.

— Hoje cedo abandonei alguns parágrafos, mas escrevi uma frase nova.

Belchior jurava já ter duas mil páginas prontas na cabeça, mas, até ali, havia conseguido encher somente um caderno de espiral, dos pequenos, com uma história de assombração que vinha alimentando há vinte anos.

— Um dia, quem sabe, eu escreva sobre isso que está acontecendo para me livrar de tudo, expurgar as lembranças deste dia — disse Mineiro.

— Escrever é uma forma de se desatar do mundo e das pessoas, Rodrigo, folgar as cordas numa espécie de fuga controlada, como se pulássemos dentro de um trem bem vagaroso que parece não sair do lugar ao mesmo tempo em que se distancia — disse Belchior, como um professor ao seu pupilo.

— O que disse? — perguntou Mineiro, mostrando incompreensão.

— Escrever sobre a vida não implica se libertar dela, entende? E quanto mais essa história guardar de você, principalmente nas entrelinhas, mais ela ficará impregnada do seu cheiro. Seria como se você carregasse junto ao corpo toda casca, escama ou pele morta das quais queria se livrar no primeiro impulso, quando saltou no vagão em movimento.

Mineiro tentava entendê-lo, mas a forma como Belchior disse aquelas coisas, fazia com que se sentisse ainda mais confuso e reticente. Resolveu então mudar de assunto. E encarou o assunto desconfortável da partida.

— E essa mochila, Carlos? Vai subir em algum trem? — perguntou Mineiro, que o chamava de Carlos, diferentemente dos outros.

— Eu não te disse que estava sempre a caminho de Aracataca? — Belchior dizia que só pararia de vagar pelo mundo quando chegasse à singela cidade colombiana, onde, reza a lenda, mora um centenário xamã que conhece os segredos de uma bebida mágica, um

elixir de vocábulos que brota do chão arenoso, sob seus pés.

— Pensei que fosse ficar um pouco mais — disse Mineiro, que havia encontrado em Belchior um companheiro de conversas mirabolantes. Um amigo, não só um inquilino.

— Mas estou aqui ainda, rapaz, e sua noiva está aflita — disse Belchior. — Você precisa falar com ela. Espere, espere... — Belchior aparenta ter algo incômodo em sua boca, que estava quase completamente escondida sob o vasto bigode. Com a mão retira cuidadosamente de dentro dela algo que, a princípio, parecia ser um papel de balas ou algo assim, mas que logo se transfigurou em vida. Uma linda borboleta de asas amarelas, quase translúcidas, ornadas com pontinhos pretos bem desenhados. Quando Belchior abriu a palma da mão, ela bailou aérea pela cela até pousar no caixão. — Lindo isso, Rodrigo! Hoje, quando acordei, era apenas um casulo em minha boca. Agora isso! Será um sinal de que o pobre desencarnado te perdoou?

Mineiro deu de ombros, como costumava fazer ao não se importar. Mas o pássaro- preto-branco reagiu ao acontecido, fez o mesmo trajeto que a borboleta, voou elegantemente pela cela, pousou sobre o caixão e, sem cerimônia alguma, bicou mortalmente o inseto lustroso, engolindo-o com voracidade. Depois voltou para

os ombros de Belchior, deixando o homem um tanto constrangido.

— E então, vai receber sua noiva? — Perguntou Belchior, bem escabreado, claramente decepcionado com seu pássaro de estimação.

— Noiva?! Não sei... — Mineiro deu um suspiro angustiado. — Ela falava muito desse aí. Insinuava coisas, sabe, mas eu não dava importância. Até parou de falar do Alfonso por uns dias, seu assunto favorito até então. E ainda há tanta coisa, meu amigo, nem sei se vale a pena contar.

— Mas ela parecia aflita quando foi lá em casa. Ou melhor, lá na sua casa — disse Belchior dando algumas chaves para Mineiro.

— A casa é de minha mãe, você sabe. Será minha se um dia eu me casar. Mas hoje eu já nem sei se quero... Aliás, eu sei: não quero, não quero mais — disse Mineiro.

— A casa ou o casamento?

— Os dois — respondeu Mineiro com veemência.

— A prisão facilita as renúncias, não é mesmo?

— Não sei — disse o rapaz, impaciente.

— Parece que você demora a entender as coisas, Rodrigo, principalmente quando se trata delas — disse Belchior como um Casanova arrogante. — Em que você pensava enquanto líamos Neruda?

Mineiro deu de ombros novamente.

— Falando nisso, deixei alguns livros lá pra você, Rodrigo. Troquei pelo aluguel deste mês, tudo bem? — disse marotamente Belchior que, na verdade, só havia quitado dois meses dos quase seis em que usufruiu da casa.

— Tudo bem, Carlos, tudo bem — conformou-se Mineiro. — Afinal, meu amigo, o que é o dinheiro frente às palavras!

Belchior deu um sorriso enorme que chegou a envergar o bigode. Dois teiús se aproximaram dele e ele os afastou delicadamente, empurrando os bichos com o pé como se tratasse de gatinhos.

Intercedeu novamente pela moça:

— E então, Rodrigo, receberá Marcelina? Ela estava sendo sincera. Eu pude ver em sua aura.

Mineiro não conseguia resistir às deduções místicas do amigo Belchior, nas quais não acreditava, obviamente, mas que guardavam uma verdade própria, como se fizessem sentido em algum sítio da metafísica.

— É só o primeiro dia do ano e já é meu primeiro dia na prisão, entendeu? Mas tudo bem. Não há mesmo jeito quando se trata dela. Preciso botar um fim nisso. Olhar para ela. Frente a frente — disse Mineiro.

— Ótimo, porque eu encontrei Salobro no caminho pra cá, e pedi que ele avisasse Marcelina. Mas não precisa fazer essa cara, Rodrigo! Disse que você queria

vê-la, sem dúvida, algo que tomou minha mente ao sair de casa, mas que ela viesse mais tarde. Aí você tem mais tempo para pensar. Uma tarde inteira é suficiente para meditação, não é? Adianta pensar demais se ao agir... — disse Belchior apontando para o defunto novamente.

— Mas nesse caso foi o oposto. Eu agi sem pensar, meu amigo — disse Mineiro.

Belchior passou a mão na cabeleira vistosa que preservava vaidosamente. O pássaro-preto-branco ficou suspenso até poder pousar novamente em seu ombro com segurança.

— No meu lugar, o que você faria? — perguntou Mineiro.

— Depende. Foi em legítima defesa? — indagou Belchior. O rapaz ficou em silêncio.

— Foi em legítima defesa, Rodrigo? — insistiu.

— Sim — respondeu-lhe Mineiro sem demonstrar convicção.

— Está claro que você não agiu sem pensar, Rodrigo, e sim reagiu sem pensar!

— Verdade — concordou Mineiro, languidamente.

— Então minta. Simples assim.

O rapaz fez cara de desentendido.

— Mas minta apenas para ela, meu caro — aconselhou Belchior.

Mineiro parou um pouco. Taciturno. Não era a resposta que esperava. Como consentir um homem supostamente sábio que opta pela mentira no aconselhamento? Tal coisa é para certo tipo de impostor ou charlatão sem escrúpulo algum, e não para Belchior, provavelmente o mais adorável personagem que conhecera.

— Entendeu agora? — perguntou Belchior sem almejar resposta.

Mineiro estendeu o braço fino entre as grades e segurou o ombro de Belchior, gestos que espantaram o pássaro-preto-branco. Era um tipo de abraço desconjuntado, mas compadecido e já saudoso. Ele sabia que Aracataca é tão distante que seria quase impossível para o amigo, um andarilho das palavras e eventual caroneiro de histórias, encontrar o xamá colombiano ainda nesta vida. E se o encontrasse, provavelmente descobriria, em uma doce frustração, que aquele elixir de vocábulos ele já havia tomado há tempos, enquanto lia Cem anos de solidão.

— Vou-me embora antes que a algazarra recomece. Se eu descer a serra agora, ainda arrumo carona antes do pôr do sol — disse Belchior, confiante, ajustando a mochila verde nas costas.

— Você bem que podia cantar pelo menos uma canção antes de partir para Aracataca. À capela, que tal? — disse Mineiro em tom de galhofa.

— Eu? Cantar? Essa é boa! Você está me confundindo, cara-pálida, como todo mundo até aqui? Nem rei mago, nem menestrel, ora essa! — disse Belchior descontraído, enquanto o pássaro-preto-branco revoava sobre sua cabeça, trocando de ombro a cada pouso.

II

Marcelina ouviu alguém chamando. Era uma voz masculina. Chegou até a porta e viu a figura de Salobro, todo embaçado de chuva, suor e cerveja.

— O que você quer, Salobro? Anda! — perguntou a moça com aquela objetividade toda própria.

— Preciso falar com você — disse-lhe. — Posso entrar?

Antes que Marcelina pudesse respondê-lo teve que dar passagem à mãe e à sogra.

Estavam apressadas, decididas, e levavam duas sacolas cheias.

— Aonde vocês vão? — perguntou Marcelina.

— Vamos ver Mineiro, filha. Elina me convenceu — explicou dona Rosália.

— Vamos levar bolo de laranja, ximangos e água mineral. Um colchonete também, ele vai gostar — disse dona Elina toda esperançosa de que o filho não a repelisse como fez horas atrás.

— Olha que aquela delegacia virou hotel! Foi só eu me mandar de lá e pronto — ironizou Salobro. — Não precisa levar colchonete não que eu deixei o meu pra ele.

— Imagina! Deve ser uma espuma velha cheia de pulgas e fezes de teiús — disse Marcelina sem formalidades para ofendê-lo.

— Isso me magoa, Marcelina. Só não vou embora porque meu colchão não está mesmo em condições tão boas.

— Grande novidade! — disse dona Elina, irônica e resoluta.

Ao ver que as duas se distanciavam, Salobro se sentiu mais à vontade para falar:

— Vim a negócios. E ainda trago boas-novas.

— Fala logo!

— Lá dentro, por favor. Licença — disse o rapaz já entrando na casa.

Era uma pequena sala, com duas poltronas e uma estante onde havia uma televisão, caixas de analgésico e alguns porta-retratos com fotos de polaroide. O cômodo não era forrado, algumas telhas plásticas que se misturavam às de cerâmica, deixavam passar bastante luminosidade, o que conferia ao ambiente uma atmosfera de varanda.

— Olha só, você era magrinha. Os cabelos mais claros. Quem diria! — comentou Salobro ao ver uma foto de Marcelina ainda adolescente, junto aos irmãos, e entre os pais.

— Não mudei tanto assim, só os cabelos que escureceram. Minha mãe diz que é a mesma cara, só um

pouco mais redonda, e as curvas, claro — disse Marcelina, que se recusava aceitar a proeminência de suas formas, cada vez mais latente depois que passara dos trinta.

— Melhor assim, mais rechonchuda — disse o linguarudo, sem filtro — Matilde e Marinho, dão notícias? — Perguntou dos irmãos de Marcelina, que haviam deixado Pilão da Serra anos atrás, indo para o Rio de Janeiro tentar a vida.

— Não te interessa, Salobro! Você veio aqui para o que mesmo? — disse a moça, impaciente.

Salobro a ignorou, pegou o porta-retratos e o aproximou bem de seus olhos para analisar os detalhes.

— Seu Miranda, seu Miranda... O pobre se foi cedo igualzinho ao meu pai. Parece que antes morria mais gente por aqui, não é? Faz tempo que o cemitério é apenas espaço de visitas libidinosas.

— Pois é. Essa foto foi tirada dias antes de ele morrer.

— Infelizmente os bons vão sempre antes dos pesteados. Olha o velho Bizantino!

— refletiu Salobro ao reparar que a imagem de seu Miranda, pai de Marcelina, mostrava um homem ainda jovem.

— Anda logo, Salobro! Abra o bico ou vá embora.

— Tenho pena de você, Marcelina, primeiro o pai, depois Alfonso e agora o Mineiro. Todos te abandonaram.

ram. Ou pela morte, ou pela estrada, ou pelo crime. Todos te abandonaram.

— Mineiro não me abandonou, engano seu, fez o que fez para me defender.

— De quem?

— Do tal de Moacir. Tive que contar pra ele.

— O que aconteceu, Marcelina?

— Toda vez que passava com minha mãe em frente à casa da rua da feira ele me seguia com os olhos. Fazendo aquela cara de homem possuído. Você é homem, sabe como é — disse Marcelina fazendo uma feição artificial de insultada. — Até quando eu estava com dona Elina, ele me desrespeitava com os olhos. Na frente de Mineiro, era um santo, malmente olhava pra mim. Isso sem contar o feitiço que ele me jogou!

— E você tinha que contar para o Mineiro! Sujeita imprudente — disse Salobro, desconsiderando a parte do feitiço.

— Não falei nada, seu bisonho, até aquele momento, não. Mas quando eu peguei aquele homenzar-

rão tentando abrir essa porta aí na madrugada de natal, não tive alternativa, contei logo tudo — disse a moça, corada de tanta indignação. — Acordo com sede e me deparo com ele aí, mexendo no trinco, imagina! Fiz um escândalo, máinha saiu assustada do quarto e pôs panos quentes, não me deixou chamar a polícia. Disse que era a cachaça. Sempre a cachaça!

— Então Mineiro foi lá e pá! Meteu a faca no sujeito — deduziu Salobro.

— Bem, ele soube do ocorrido no mesmo dia. Deve ter segurado a raiva o quanto pôde. Deve ter pensado na casa também, ainda daquele jeito, sem terminar. E deixou os dias passarem. Mas depois da festa de réveillon, não se aguentou — disse Marcelina ao sentar-se em uma das poltronas, já chorando. — No mínimo deve ter surpreendido o ordinário me olhando, me devorando com os olhos enquanto dançava forró e bebia com

minha mãe e com dona Elina. Coitadas. Iludidas com a amizade do safado. O pior cego é o que não quer ver — concluiu.

— Sei. Entendi. Então vocês têm muita coisa para conversar — disse Salobro já um tanto impaciente.

— Agora entendo por que ele se chateou. Ele disse que não era nada, mas ficou de cara amarrada. Resmungando. Ele sabe que não suporto provocações. Como também não aguento melindres. Se fizer cara feia pra mim, é pior! Fui embora. Deixei Mineiro lá, se roendo de ciúmes.

— É bom pôr tudo em pratos limpos.

— É, mas ele não quer. Ele precisa entender o meu lado, me perdoar. O feitiço já foi quebrado. Pedi para Belchior ir à delegacia. Conversar com ele. Quem sabe amanhã ele aceite me ver.

— É justamente aí que eu entro. Ele quer te ver ainda hoje.

— O quê? Então Belchior conseguiu! — disse a moça, eufórica.

— Considere que eu também contribuí. Ajudei a fazer a cabeça dele. Pode me agradecer — disse Salobro tentando levar alguma vantagem adicional com aquele engodo.

— Eu vou lá é agora! Antes que perca a coragem de dizer tudo que tenho guardado

— disse Marcelina, num rompante.

— Calma, mulher, espere. Dona Rosália e dona Elina estão lá. Deixe para depois, no final da tarde, comecinho da noite, quando o palerma do Belão for tomar posse. A cidade toda entretida com o trio, lá no pé

do morro. Vocês terão tempo e sossego para uma boa conversa.

Marcelina foi convencida de que seria uma boa ideia. Afinal, deveria começar a controlar os nervos, a ansiedade. Descobriu-se apaixonada pelo noivo exatamente lá, naquele ponto da história, na primeira manhã do ano, e não poderia pôr tudo a perder justamente agora. Teria que ser fleumática e compreensiva.

— E quanto aos negócios, olha isso aqui — Salobro retirou o molho de chaves do bolso e mostrou a ela. — As chaves da delegacia. Assim você poderá dar mais calor humano ao seu amado. Você me entende, não é? — deu uma piscadela saliente. — O que acha?

Marcelina se eriçou. Era perfeito.

— E isso vai me custar quanto?

— Vou abrir o jogo logo: o velho Bizantino está dando um almoço para a elite da cidade — fez sinal de aspas na palavra elite. — Na verdade já deve ter começado os comes e bebes. Vai ser um monte de gente, um bando de puxa-sacos. Gente asquerosa. Mas eu quero me misturar a eles. Ficar ali, na minha, camuflado. Tenho meus motivos.

— E o que eu tenho a ver com isso?

— Sei que você ainda guarda algumas roupas de Alfonso. Não entendo como Mineiro aguenta isso, uma afronta! — Disse Salobro enquanto balançava a cabeça negativamente. — Sempre vestimos o mesmo tamanho.

Quero alguma coisa emprestada. Acho que vai dar, não engordei nada nesses anos, pelo contrário até.

— Ele sempre teve bom gosto, sabia se vestir, reconheço. Você parece um molambo.

— Isso me magoa. Só não vou embora porque pareço mesmo, às vezes — disse Salobro olhando para o próprio corpo. — E tenho pressa.

— Então tá, combinado — disse ela, resignada.

Marcelina pegou as chaves e foram para o quarto. O guarda-roupa estava cheio de camisas, blusas e calças de Alfonso, havia também cintos e sapatos. O cheiro impregnado nas roupas parecia subir para tentar dominá-la, como um soldado ferido que se recusa a se entregar, ou uma lembrança que insiste em se materializar. Mas ela pensava em Mineiro e resistia. Cada coisa que retirava e jogava sobre a cama lhe dava a sensação de que mais um espinho estava sendo arrancado de seu corpo. Marcelina se deu conta de que havia mais coisas dele do que dela ali. Sentiu-se estranha, talvez envergonhada também.

— Agora pode ficar aí e vestir o que quiser — disse Marcelina saindo do quarto.

— Só faço uma imposição. Quero uma promessa.

— O quê?

— Que depois você virá buscar o resto. Inclusive o quadro.

Salbro olha o enorme retrato de Alfonso emoldurado.

— E o que eu vou fazer com ele?

— Sei lá, cole um pôster do Che Guevara por cima
— disse Marcelina em tom de brincadeira.

— Prometo.

Salbro sorriu, estava feliz por Mineiro e Marcelina. E também por ele mesmo, afinal, era a primeira vez, depois de tanto esperar, que havia conseguido presenciar uma revolução de verdade.

III

Pilão da Serra vivia um turbilhão de acontecimentos e suposições naquele dia primeiro de janeiro. A chuva que caía, às vezes fortemente, às vezes em fios finíssimos, colaborava para a formação de espetáculos ridículos e grotescos. Era possível ver as ruas repletas de eleitores-foliões jogados pelas calçadas, alguns desacordados e sendo mordiscados ou lambidos por teiús. Também era sinistro ver dezenas de lagartos mortos, pisoteados pelas pessoas ou esmagados pelos enormes pneus do trio, sendo recolhidos às pressas pelos garis antes que fossem limpos e servidos como churrasquinho nas esquinas. O que poderia causar a fúria do velho Bizantino, com conseqüências lamentáveis, como o cancelamento da festa, por exemplo.

Algumas brigas tiveram que ser separadas, alguns casais menos discretos, também. Crianças brincavam com fogos; idosos jogavam dominó; donas de casa se maquiavam para foliar com os maridos; adolescentes se equilibravam em muros; meninos-sacis aprontavam suas traquinagens. Mas também: crianças se machucavam; idosos discutiam; maridos desapareciam; donas de casa choravam; adolescentes caíam; meninos-sacis gargalhavam. Certo é que o populacho permanecia à espera, mas não em suspenso, procurando matar o tempo

até o horário da posse, quando a folia seria reestabelecida com a distribuição gratuita de cerveja, refrigerante e também (por adequação e identidade), cafezinho a todos.

Foi por esse cenário que dona Elina e dona Rosália passaram enquanto ouviam bochichos, fuxicos e julgamentos, até chegar ao posto policial escancarado para quem quisesse entrar, mas rusticamente hermético para aquele que desejava sair.

— Vocês poderiam me deixar em paz. Já não basta Marcelina? — resmungou Mineiro ao vê-las.

— Rodrigo, meu filho, você precisa ficar calmo. Vamos depor a seu favor. Não vamos esconder nada — disse dona Elina desviando o olhar para o caixão.

— Vamos te livrar da cadeia, Mineiro. Nosso testemunho vai te ajudar. Trouxemos pra você — disse dona Rosália deixando o colchonete, as sacolas com garrafas de água mineral e vasilhas de bolo e ximangos num cantinho, encostados nas grades.

Mineiro demonstrava incredulidade, afinal, quem iria acreditar em duas testemunhas como aquelas, do tipo que trazem chamegos e agrados em sacolas para o réu?

— Quem se importa com o que o povo vai falar! Mais importante é que você tenha uma chance de sair daqui — prosseguiu dona Rosália, voltando-se para o rapaz depois de fitar o esquife por alguns segundos.

— Eles vão saber que foi em legítima defesa. Você só fez se defender, Rodrigo. Nós sabemos a verdade — reafirmou dona Elina.

— Que história vocês pretendem inventar? — desafiou Mineiro.

— Não vamos inventar nada. Falaremos o que temos como certo — disse dona Rosália voltando-se novamente para o caixão enquanto fazia o sinal da cruz.

— E o que vocês têm como certo? Não adianta remendar a verdade, agora já foi. Vocês poderiam ter evitado tudo isso. Botado este descarado pra correr. As duas sabiam desde o início. O jeito que ele olhava para Marcelina quando estava com vocês. Na minha frente era um lorde, claro, mas vocês sabiam e não fizeram nada.

— Você também poderia ter feito alguma coisa — Disse dona Elina. Mineiro resmunga quase inaudível.

— Você não entende nada mesmo, não é Mineiro?! Parece que não conhece a noiva que tem! — disse dona Rosália. — Ela se julga melhor do que é. Pelo menos melhor do que é para os outros. Sempre foi assim. Não era para Marcelina que Moacir olhava quando estava comigo. Era para mim. Não era para Marcelina que Moacir olhava quando estava com sua mãe. Era para Elina.

Dona Elina abaixa a cabeça, envergonhada.

— Mas ele tentou entrar em sua casa, dona Rosália, de madrugada, e nem quero pensar no que poderia ter acontecido — argumentou Mineiro. — Lembra-se do escândalo que Marcelina deu? Acho que se fazia de pintor e pedreiro para esconder os seus malfeitos. Guardava-se atrás de rezas e simpatias. E a senhora tentando apaziguar a situação para defender seu amigo. Mui amigo!— Completou o rapaz com ironia.

Naquele momento é dona Rosália quem abaixa a cabeça, enleada. Mas logo em seguida encontra coragem para desfazer a confusão:

— Ele não estava tentando entrar, meu genro, e sim tentando sair! Ele estava comigo, no meu quarto. Eu caí no sono e ele tentou ir embora. Eu havia pedido para ele ser discreto. Não queria que Marcelina acordasse pela manhã e o visse lá em casa.

— Rosália queria aproveitar a vida. Apenas isso, piá. Não faça essa cara, filho. Ela é jovem ainda. Só não queria que Marcelina soubesse, pelo menos ainda — disse dona Elina.

— Então é essa a história que vocês combinaram? Patético! Querem que eu acredite nisso?

Mineiro se afasta um pouco das grades, respira fundo e retorna à cena:

— Até hoje de manhã quando estive lá não havia dado ouvidos à Marcelina e suas bobagens. Ela havia feito isso outras vezes, tentado me enciumar. Quem da-

ria crédito a alguém que usa até o ex-noivo fugitivo para tal fim? Mas eu achava que ela tinha caráter. Que era maluca e tudo mais, mas que tinha vergonha na cara.

— Você não ouviu o que eu disse?! Você é doido?! O homem não tinha nada com Marcelina, tinha comigo, oxe! — Indignou-se dona Rosália.

— Doido eu?! Doida ela, sua filha. Canonizou um fugitivo que de santo não tinha nada. Fez até um tipo de altar pra ele no próprio quarto. E eu tendo que engolir isso, assim, fazendo cara de paisagem!

— Por mim, as coisas daquele outro já teriam ido para o lixo. Mas você, o mais interessado, parecia não se importar... — disse dona Rosália gesticulando conformada.

— O que você tiver de conversar com Marcelina, que seja com ela mesma. Só os dois. Mas não se precipite, dê uma chance a ela, você precisa ouvi-la — aconselhou dona Elina.

Mineiro lembrou-se do que havia conversado com Belchior. Não sabia bem o porquê, mas também pensou em Pablo Neruda e em alguns de seus versos.

— A gente quer te ouvir, meu genro. Abra o coração para nós. Assim a gente pode te ajudar. O que aconteceu hoje de manhã, hein? Não podemos arriscar contradições.

Será que havia mesmo uma chance de escapar daquilo? De se livrar daquela enrascada? Ou será que merecia

mesmo era passar alguns anos na cadeia, por justiça, afinal, era um assassino confesso, assumido, só faltava registrar em cartório e reconhecer firma! Um barista assassino, como não? Mas, e se houvesse mesmo uma chance? Como poderia deixa-la escapar? Como renunciar à deliciosa sensação de sair ileso? Quem se importa com a justiça, obviamente, quando a mesma se aplica pesadamente aos seus próprios delitos?

Mineiro sentiu um gosto de esperança. E esse sabor o tranquilizou.

— Dormi mal. Ainda estava chateado. Levantei-me ainda sonolento. Bati na porta do quarto, mas minha mãe não respondeu. Desisti. Quando bebe muito, ela dorme como uma pedra. Odeio quando ela faz isso — disse Mineiro como se sua mãe não estivesse presente. — Então fui à venda comprar pão e leite. Mas dali, do passeio, eu vi o portão da casa escancarado como se ela estivesse abandonada. Fiquei preocupado. Atravessei a rua e chamei. Moacir não atendeu. Passei e bati na porta. Ele abriu uma fresta e botou a cara. Pedi que eu esperasse um pouquinho. Fechou a porta. O café estava cheirando. Um cheiro bom no princípio, mas depois cheirava a queimado.

— E então? — Disse dona Elina, impaciente.

— Entrei, e ele me levou para a cozinha, todo sem jeito tentando explicar a bagunça, se desculpando. Preparava o café da manhã. Era muita coisa para uma

peessoa só. Mesmo para uma desse tamanho — disse Mineiro apontando para o defunto. — Pão, manteiga, café. Bolo assando. Aipim cozinhando. Não me importei, afinal, a casa seria seu alojamento enquanto a reformava. Foi o combinado. Então ouvimos uma voz vinda do quarto, Moacir paralisou. Era uma voz conhecida. Estava meio abafada, mas sabia de quem era. Marcelina. Ele tentou se explicar balbuciando coisas. Tentei sair da cozinha, ele me barrou. Insisti, ele me empurrou. O homem parecia desesperado. Só podia ser ela. Tentei passar novamente, Moacir me agarrou pela gola. Consegui me desvencilhar escorregando pelos panos. Deixei a camiseta na mão dele. Ia escapando, mas recebi a facada.

— Estou vendo o grande mal que aquela enorme faca de pão te fez — disse dona Rosália, irônica. — Quase um arranhãozinho.

— Eu me virei e vi uma faca na pia, entre as cascas de aipim. Era das grandes. Peguei. As costas doíam muito, mas eu queria lutar. Agarrei o homem pela cintura tentando derrubá-lo. Ele sabia o que ia acontecer, mas não fez nada. Somente levantou as duas mãos para o alto, como rendição. Foram duas profundas. Muita raiva. O sangue espirrou. Entrou em meus olhos. Não sabia que ardia tanto! Ele ainda veio andando atrás de mim, lentamente. Larguei a faca no chão. Ele foi caindo, caindo... Saí tão desesperado, atordoado com a vista

embaçada sob um véu vermelho, que nem me lembrei de verificar o que acontecia lá dentro, no quarto. Só queria sair dali. Queria olhar para a cara dela, confrontá-la. Mas nem isso eu consegui. — Completou o rapaz, quase que didaticamente.

As duas mulheres se entreolham. Era a senha que precisavam para conceder a epifania:

— A voz era minha, Mineiro. Era eu quem estava lá — disse dona Rosália.

— Sua?!

— Sim, minha, homem de Deus!

— Pare com isso, dona Rosália. A senhora acha que eu vou acreditar numa coisa dessas?

— Você não tem escolha senão acreditar. Ouça sua sogra, piá. Você mesmo já havia confundido as vozes das duas pelo telefone, lembra? — redarguiu dona Eliana.

— Moacir e eu éramos discretos. Esse era o acordo. E faltava pouco para tudo acabar. Faltava muito pouco — justificou dona Rosália.

— E ele me atacou por isso, por discrição?! Por um acordo de namoradinhos?! Tudo isso para preservar a senhora?! Difícil acreditar, não é? — disse Mineiro, irritado.

Dona Rosália encara a amiga.

— Não! Foi para preservar você, meu filho. Eu também estava lá, no quarto — revelou dona Elina, agora de cabeça erguida.

— Quando ouvimos o que estava acontecendo ficamos ali, paradas. Medo, muito medo. Não sabíamos como reagir. Quando percebemos a movimentação do povo, fomos embora. Fugimos. Duas covardes, eu sei. Mas agora estamos aqui para testemunhar. Contar nossa história e tirar você daqui o mais rápido possível, não é Elina?

Dona Elina olha para o filho como se suplicasse ao mesmo tempo por confiança e perdão.

— Minha mãe, você...

Mineiro deixa o mundo em reticências e retroage às sombras, para o fundo da cela, num movimento quase teatral. Era como se mostrasse às duas mulheres que não havia nada mais a fazer, apenas esperar em seu exílio, acompanhando, como um espectador privilegiado, a luta da putrefação natural do tempo contra a frívola resistência da carne.

— Meu filho, diga alguma coisa, por favor.

O filho não disse nada. Mas seu silêncio dava a entender que ele estava se entregando novamente ao curso espontâneo das coisas. E só podia esperar.

IV

Apesar de ser próxima da cidade, era um bocado difícil chegar às divisas da fazenda a pé. Para ir até o casarão sede, então, era preciso enfrentar um caminho íngreme que se estendia desequilibradamente entre a encosta pedregosa do Pau do Pilão, coberta de arbustos, bromélias e alguns cactos, além de uma ribanceira de final minaz. A partir de certo ponto, após dois ou três quilômetros, já era possível ver milhares de pés de café em filas meticulosamente espaçadas em arcos a perder de vista, como se em pleno sertão baiano, ondas de um mar verde, repletas de cardumes de peixinhos vermelhos entalhados, fossem jogadas contra a paisagem onírica da Chapada. Todavia, para Salobro, que passou por ali avoadado sobre uma velha Yamaha RD 50 emprestada, sentindo-se sobre uma Norton 500 inglesa, os cafezais lembravam mais uma parada militar estática, com soldados camuflados e de armas rubras. Soldados imóveis, impassíveis, mas prontos a oprimir e tyranizar quem os tocasse.

Salobro sabia que mesmo sendo um evento reservado teoricamente para nata social de Pilão da Serra, na prática, uma parte do “soro” dessa sociedade também estaria presente. Pois é assim que funcionam as festas nesses rincões, sobretudo quando há interesses políticos

a rondá-las. Não havia prova maior disso que a grande quantidade de veículos mal conservados que passavam por ele perigosamente, em velocidade bem maior que a sua. Muitos com a carroceria entupida de pessoas tentando se equilibrar nos saltos ou sapatos de elegância afetada, artificial. Eram os convidados dos convidados dos convidados. Assim, tinha certeza de que pouco seria notado, ainda mais naquela indumentária finamente padronizada que acabava de herdar: óculos escuros; camisa branca de gola pontiaguda; calça jeans clara; cinto de fivela prateada com um cavalo em relevo; um facão na bainha de couro preto amarrada na coxa e sapatos de bico fino que atrapalhavam bastante na hora de mudar as marchas da motocicleta.

Quando o casarão apontou mais à frente, lembrava uma pintura rústica. O amarelo escuro e austero das paredes era quebrado pelas linhas brancas das portas e janelas. Apesar de térrea, a construção era imponente e robusta. O telhado variava entre o vermelho e o verde-musgo, e parecia cascatear-se sobre a enorme varanda que, naquele instante, estava repleta de gente. Salobro sentiu calafrios. Lembrou-se das inúmeras desventuras que vivera por ali, desde moleque, quando ajudava seu pai na colheita, o “panhá” café, algo que fez até o dia em que o pai caiu morto sobre um dos soldados vegetais do velho. Lembrou-se também, com um gosto amargo na boca, diga-se, do dia em que recebeu os solavancos da

rígida musculatura lingual do Cavador. Parou a moto e pensou em voltar, mas a vontade de vingar-se do velho Bizantino tinha um repuxo ainda mais forte que o medo e o asco. E se o velho quisesse resgatar o animal teria que cavar tão rápido e tão intenso quanto o lagarto havia feito para salvá-lo da morte! Isso se encontrasse a cova. Esse era o plano: encontraria um lugar para se esconder, e na fazenda havia muitos, esperaria todos saírem para a posse de Belão, o palerma, e então o Cavador seria laçado, amarrado, sangrado na cabeça, só pra machucar, e enterrado ainda vivo numa cova feita em um dos caminhos do cafezal, bem escondida.

Parecia um plano muito sinistro, cruel demais para um falastrão como Salobro. E na verdade era. O próprio rapaz sabia disso, mas algo maior e mais poderoso se sobrepôs aos traços maleáveis de sua personalidade galhofeira, algo que o fazia se sentir submisso à sua inerente condição de derrotado, um histrião do mundo: a humilhação.

Salobro montou novamente a Yamaha RD 50 e seguiu adiante. Mais dois quilômetros, aproximadamente, até a entrada. A porteira estava aberta. Não havia ninguém por ali, além daquela figura de camiseta listrada, calção vermelho e Kichutes. O menino-saci. Salobro parou para olhá-lo atentamente, como a um espelho retrovisor. Os dois em silêncio. Usava um graveto para tirar o barro que se acumulava entre as travas grossas e

pretas, e depois, pacientemente, uma folha de jaqueira para lustrar os detalhes do calçado. Salobro pensou: por que não? Poderia simplificar seus planos se tivesse um cúmplice.

— Menino-saci, quer carona?

O menino não respondeu. Preferiu continuar no asseio, em silêncio.

— Do que adianta se limpar agora, moleque burro, se ainda tem um chãozinho bom pra andar. Suba aqui e se livre do barro — argumentou salobro.

— Carece não. Vim andando de lá — disse apontando em direção à cidade. — Falta pouco.

— Rapaz, deixe de teimosia. Suba! Ligeiro!

— Essa moto não é do Visgueiro? Eu a conheço. Você roubou? — disse o garoto apertando os olhos.

Visgueiro era único mecânico de Pilão da Serra. Daqueles que montam e desmontam coisas com destreza de professor pardal, mas sem se importar com a procedência ou finalidade das máquinas.

— Não, moleque, é emprestada. Não sou ladrão.

— Até onde eu sei, tu tava era preso, não tava?

— Estava, mas era um preso político. Um abuso. Nunca roubei nada — tentou argumentar. — Quer dizer, bem... Pelo menos até hoje.

O menino achou engraçado aquele argumento vacilante, mas segurou o riso com receio de apanhar. Os mais velhos achavam que tinham o direito de dar-lhe

casquinhos, puxões de orelha e chutes no traseiro quando quisessem e sem motivo algum, só pela vontade. Na maior parte das vezes o menino-saci respondia às agressões com insultos e pedradas, estava sempre com pedrinhas nas mãos, afinal, e depois corria até perder o fôlego. Mas naquele momento não, pois seria um desperdício. Ele não queria chegar desarrumado à festa, como um maltrapilho.

— Suba logo, menino-saci! Ligeiro, macho!

O menino-saci, que era atrevido e indomado, do tipo que relutava a todo e qualquer preceito abusivo, também era ponderado quando lhe era vantajoso. Naquele momento resolveu obedecer mais por conveniência que por submissão. Estava exausto e de fome renovada após o almoço já bem digerido.

Alguns minutos depois, desceram. O som estava alto, pessoas dançavam, a poeira subia, as garrafas de cerveja flutuavam, as carnes passeavam nos espetos e os teiús devoravam os pedaços que caíam enquanto tentavam se desviar dos pés dançarinos.

Salobro reconheceu a cantora da banda feirense na varanda, sentada junto a Belão e conversando entusiasmada com o velho Bizantino. O ancião alisava, carinhosamente, os cabelos da Viuvinha que, como uma criança, deitava a cabeça em seu colo. Ele fazia questão que fosse assim, queria que a infância da filha única se esticasse até quando pudesse, e ela, mesmo ali, beiran-

do os oitenta anos e com dois maridos falecidos, tinha sempre suas vontades atendidas pelo pai. Recebia incentivos e aplausos; ganhava bonecas de pano, vestidinhos rodados e laços de cetim para amarrar as tranças acinzentadas.

— Menino-saci, aonde pensa que vai? — disse Salobro puxando-o pelo braço.

— Me larga que eu vou comer. Enchi o bucho ainda agora, mas a caminhada desgastou todo o pirão — disse o garoto tentando escapar.

— Espera! Tá vendo aquele teiú perto do banco do velho? — perguntou apontando para o grande lagarto (do tipo capaz de subjugar facilmente dragões de Komodo), que se aconchegava à beira do assento onde o velho Bizantino e a Viuvinha estavam.

— Qual dos dois?

— Que dois, menino, tá maluco? Só tem um. Aquele enorme. Tá vendo?

— Ah, sei, o de duas cabeças? — disse o menino, naturalmente, como se fosse algo corriqueiro aos seus olhos.

— Duas cabeças, o quê? Deixe de gaiatice.

O menino cruza os braços, aborrecido. Salobro insiste.

— Dê um jeito de tirar ele dali. É o Cavador. Leve lá para os fundos.

— O Cavador! Deus é mais!

— Te dou cem cruzeiros.

O menino ponderou. Concluiu que daria conta. E ali mesmo, em segundos, arquitetou um plano. Só precisava de uma linha, porque isca tinha à vontade pelo chão.

— Eu quero agora.

— Mas eu não tenho agora.

— Então, nada feito.

— Espera — Salobro procura algo nos bolsos. — Vinte agora. Setenta depois.

— Oitenta depois. Quer me enganar, é?

— Menino esperto — Salobro riu. — É só o que eu tenho agora. Depois oitenta.

O menino-saci se deu por satisfeito, afinal, faria aquilo só pelos vinte cruzeiros e nada mais. Era algo fácil para ele, acostumado a lidar com estes bichos por todo canto, mesmo que não tão grandes, principalmente em casa. Que o diga dona Maricota, sua bisavó.

— Segura o Cavador por lá. Em meia hora eu te acho. E aí você pode fazer o que quiser. Pode até acabar com a festa. Por mim tudo bem — disse Salobro.

O menino-saci desapareceu no meio do povo ao mesmo tempo em que Salobro tentava mirar o cafezal por sobre cabeças e chapéus. Ele sabia que para chegar até lá teria que passar pela multidão de convidados ditos especiais. Era uma nata de nada, minguada, distraída e vaidosa. Despreocupada com o amanhã. Enquanto

caminhava quase anônimo adentro daquele labirinto serpentário, Salobro pôde ver o ainda prefeito, o outro neto do velho, Beto Broco, bêbado, trocando as pernas com um copo de uísque em uma das mãos e praguejando a vida por ter que entregar seu brinquedinho, a prefeitura, ao irmão mais novo; pôde ver que o Doutor Penacho tentava dançar de maneira elegante, entrelaçado a uma moça (décadas e décadas mais jovem que ele), mas sem sucesso, pois não conseguia se equilibrar direito entre as coxas rápidas da donzela e o incômodo do coldre mal ajustado na cintura esquelética; pôde ver seu Arão absolutamente concentrado ao comer pedaços generosos da carne avivada, de onde gotejavam sangue e gordura quentes; pôde ver o pequeno coral de velhas se ajuntando medonhamente de pé sobre as banquetas de tábuas que circundavam o tronco marrom de uma mangueira desfolhada para fugir dos répteis que o procurava compulsivamente, como se o cheiro de musgo que as coristas exalavam fosse tão atrativo para eles quanto o som das ladainhas que entoavam na igreja e nos velórios; pôde ver as bisnetinhas mais novas do velho brincando com lagartos enormes, quase tão grandes quanto o Cavador, puxando-lhes as caudas e montando-lhes o espinhaço. As mais espertas conseguiam que os bichos andassem alguns metros assim, montados como cavalos, até caírem se espojando no chão, eufóricas. Era o fim do campo minado. Salobro sentiu-se ao mesmo

tempo vitorioso e derrotado. Ninguém o havia notado como pretendia, mas, paradoxalmente, como desejava ser percebido e considerado por aquela gente!

Após esse espetáculo burlesco, a imensidão de arbustos cafeeiros se apresentou. Uma imagem que se desmanchava ao vento como borrões verdes de consistência quase abstrata, talvez líquida, como os calafrios ou os pressentimentos.

O efeito etéreo da paisagem se quebra no estalo de uma voz zombeteira:

— Quase uma hora. Tem relógio não?

Salobro adentrava o cafezal quando foi parado pelo cúmplice improvável.

— Quase uma hora lá te esperando e nada — disse o menino.

— Já tem tudo isso? — disse Salobro, surpreso. — E o bicho? O menino se encheu todo para se gabar, como sempre fazia.

— Tá preso. Todo amarrado. Até a boca. Puxei a linha com a carne e ele veio, parecia que dançava enquanto andava balançando o rabo. Comeu, comeu. Bebeu, bebeu.

— Bebeu?

— Cerveja! Derramei duas garrafas na vasilha. Bebeu quase tudo. Chega arrotou. Juro! Arroto de teiú fede. Deus é mais!

— Você matou o bicho, pesteador! Não era pra matar!

— Nada! Ficou mansinho, mansinho. Fiz até um carinho. Deixei no galinheiro. As penosas cacarejavam e corriam de medo no começo, mas depois partiram pra a desforra. Devem estar bicando até agora, um monte delas. Mas acho que nem fazem cócegas no couro grosso.

Salobro não sabia se ria ou metia-lhe uns cascudos.

— E me achou aqui como?

— Saí perguntando. Ninguém sabia de você. Achavam até que ainda estava preso.

— Oxe, menino, e então, como me achou?

— Doutor Dolores. O único que reparou. Disse que você passou por ele e nem o viu. Você deixou o doutor no vácuo com a mão estendida. Deu dó.

— Então já fez o que tinha que fazer. E muito bem feito por sinal. Agora pode ir. Até o fim de semana te pago os setenta cruzeiros que devo — disse Salobro, apressando-se.

— Oitenta. Oitenta cruzeiros, ladrão!

Salobro ficou novamente entre rir e dar cascudo. Riu.

— E o que você vai fazer com o Cavador? — Perguntou o menino.

— Não te interessa. Vá-te embora.

— Fala, senão eu conto tudo pra o velho — ameaçou.

— Experimenta, seu capeta, você acha que ela vai te aliviar de embebedar o bicho? Você sabe o que ele fez comigo, não sabe? Vai sobrar pra você também. Você é meu cúmplice.

O menino engoliu em seco. Ainda mais por não saber o que significava ser cúmplice. Mas não deveria ser nada bom. Encolheu-se todo, mas a curiosidade foi mais forte.

— Você nem precisa pagar os oitenta. Só os setenta mesmo — propôs. — Juro, não conto pra ninguém.

Salobro hesitou.

— Não conto pra ninguém. Juro! — insistiu.

O homem se deixou convencer pelo menino.

— Vou até o meio do cafezal para fazer uma cova. Vou enterrar o bicho bem amarrado para não escapar e deixar só cabeça ferida pra fora. Igual ao que fizeram comigo — disse Salobro para depois ameaçar: — Se contar a alguém, eu te mato, moleque!

O menino-saci achou graça naquilo. Pensou que Salobro não teria coragem. Que não iria até o final. Pagaria pra ver se fosse preciso.

— Não precisa me dar mais nada se me deixar ir com você — ofertou o garoto. — Fica só nos vinte cruzeiros mesmo.

Salobro não achou aquela oferta um insulto. Até gostou. Por alguns segundos saiu dali em pensamento. E pensou que poderia aceitar e deixar ver o que acon-

teceria. Quem sabe não pudesse passar algum tempo a mais com o garoto, instruí-lo das engrenagens desse mundo, como fizeram com ele no passado. Talvez pudesse até dar umas aulas para o menino, falar de revoluções e utopias. Mas isso depois, claro. Agora teria de improvisar, fazer do facão enxada. E cavar o buraco para o réptil gigantesco. Essa era, naquele instante, sua preocupação mais urgente.

— Feito, menino-saci!

E apertaram as mãos.

E a mão do menino-saci estava melada de uma gosma abjeta. Um muco morno e esverdeado.

O garoto gargalhou.

— Demônio! — disse Salobro antes de desferir-lhe um bofetão estalado na nuca e se embrenhar na lavoura.

V

A luz do dia se dispersava em tons de rosa e laranja. As cores começavam tão fortes que pareciam vincar o firmamento com pinceladas raivosas e definitivas. Contudo, pouco a pouco, os matizes se enfraqueciam licorosos, como se Monet fosse um titã extenuado e estivesse desfalecendo no céu, deixando as cores diluírem-se nas nuvens carregadas para formar uma aquarela escura. O anoitecer.

Marcelina pronta. Mineiro também. A festa da posse preparada. O velho Bizantino igual. Salobro resoluto. O Cavador à espera.

Ele olha aquela mulher a entrar na delegacia e se vê chegando também, pois se sente parte dela, ainda. E sente algo mais, um conforto impulsivo, um paradoxo viável, porque ela também estava contida nele. Estava decidido a crer. Tanto cativos quanto libertos. Ambos. Seus movimentos fêminos, seus passos firmes, eram de entrega, não mais de desafio. Estava convicto. Nada de imprecisões ou jogatinas sentimentais.

Entre os dois: apenas olhares e o som metálico das chaves chacoalhando nas grades.

— Por que, hein? Fala, por que fez isso? — Marcelina ignora os vultos que passavam como morcegos. Ou eram mesmo morcegos?

— Matei por você. E mataria novamente.

Marcelina sentiu-se perdoada. Mais que isso: honrada. O que mais dizer? Ela o abraça. Depois começam a andar desnorteados enquanto se beijam. Os olhos fechados, os corpos desequilibrados na atmosfera bolorenta, até pararem à beira do caixão. A mesa balança. Alguns fogos distantes, a música que mais parecia ruídos de rádio de pilha. Melhor assim.

— Por que, hein? Repete, repete!

— Nenhum homem vai te olhar como ele. Nunca mais. Vamos nos casar, é só o tempo de eu sair daqui.

Marcelina deu-lhe um olhar consentido. Ele entendeu, mas queria ouvi-la. Insistiu:

— E então, casa comigo?

— Aceito. Aceito me casar com você. Mas repete. Quero ouvir aquilo novamente.

— O quê?

— Que você o matou por minha causa.

— Matei por você. E mataria novamente — disse, com a mais natural certeza.

Marcelina o abraça ainda mais forte. Leva-o aos beijos até o fundo da cela. A mesa balança. O caixão se move. Escorrega pela prancha lisa por alguns centímetros. E para. Foi por pouco, muito pouco.

Os fogos atravessam o céu. Suas luzes e estouros transpassam a barreira do morro de pedras. As galinhas se agitam. Dezenas de lagartos em volta a rondá-los.

Trancas e arames. O menino e o homem furtivos, cúmplices, planejam o transporte silencioso. Mais nenhuma alma. Cem quilos? Mais ou menos isso. Talvez. Um carrinho de mão ou a carroça? O lagarto apenas olha de esguelha, resacado. As vozes dos discursos lembram uma algaravia de acauás. As frases são incompreensíveis, mas estridentes. Chegam como dezenas de ondas de ecos. Um sobre as outras, sem cessar.

— E aí, Salobro, como vai ser?

— Com esse barulho todo, como posso pensar direito?

— Você quer desistir?

Salobro olha para o Cavador e procura coragem.

— Não. Depois de tudo isso, nunca.

— Você tá com medo. Isso sim.

— Já disse, é o barulho, pesteadado, não é medo. Só estou agoniado.

O Cavador consegue espremer a enorme língua para fora da mandíbula bem amarrada com barbante. O resto do corpo, preso às cordas fortes, permanecia imóvel. Os arrastos dos gigantescos teiús em torno do galinheiro eram ameaçadores.

— Deus é mais! — disse o menino fazendo o sinal da cruz — Como vamos sair daqui?

Salobro não disse nada. O que pensou escondeu para si. E guardava um segredo silencioso: estava arrependido. E como estava!

Os discursos pararam. Microfonia veio como um raio agudo que corta o vazio.

Um bisturi aos ouvidos, sem anestesia.

O palanque de costas para o Pau do Pilão. O velho numa cadeira ornamentada entre os netos abobalhados. Um mestre de cerimônias e vários microfones. O trio elétrico ao lado como uma câmara amplificadora de euforias e pesadelos. A banda melancólica, apenas cumpridora de seus contratos. A vocalista mandando beijinhos e monossílabos. O povo disposto à sua frente tinha o majestoso morro de pedras como imagem de fundo. A multidão movimentava-se em círculos como urubus sem asas, fazendo subir uma nuvem fermentada e opaca. Estavam ansiosos pela música. Música, e mais música. Para dançar colado ou para descolar do chão.

Mas esperem:

— Antes de qualquer coisa, gratidão a Deus. Como não? Mais um mandato que se inicia. Chuva de bênçãos, chuva de café, chuva de alegria sobre Pilão da Serra! — disse entusiasmadamente o mestre de cerimônias. — Depois a banda vai tocar algumas canções do Mestre Adonias, eu prometo! — completou tentando corresponder aos apelos da multidão.

Mais que gratidão, um capricho, um mimo do velho Bizantino à sua filha. O coralzinho de velhas subindo as escadas apertadas do trio se mostrava uma insanidade perigosa. Uma caiu. Outra também. Comicamente.

Mas se levantaram dispostas nas mãos de Nossa Senhora. Aquelas cabecinhas cobertas por lenços brancos rendados e velas apagadas nas mãos. A regente melindrosa concentrada. Os instrumentos desligados. O público cabisbaixo em protesto tímido, pois sabiam que quando elas começavam a cantar, prolongavam a duração dos louvores, como se fosse possível eterniza-los no firmamento. O cântico favorito da Viuvinha, talvez o único que soubesse reger com alguma destreza, começava a sair esgarçado das boquinhas murchas voltadas para os microfones:

Com minha mãe estarei Na santa glória um dia Ao lado de Maria

No céu triunfarei...

O coral se entregava fervorosamente ao cântico. As vozes venciam como por milagre os zumbidos produzidos pela parafernália sonora, formada por milhares de metros de fios e dezenas de alto-falantes estúpidos que adentravam à enorme armação metálica como veias e órgãos a um corpo enlatado.

Com minha mãe estarei Aos anjos me ajuntando E hinos entoando Louvores lhe darei...

O ar vibrava acelerado e produzia redemoinhos de sons que subiam às alturas e se espalhavam portentosos.

— Espere. Um pouco de respeito à mãe santíssima — disse Marcelina ajeitando o vestido.

— O som só vai aumentando. Sente? O chão está tremendo — completou Mineiro também se recompondo.

A mesa começa a vibrar cada vez mais forte e com ela o caixão também se agita vigorosamente. E cada vez mais intenso, e cada vez mais revoltado, convulsionado, deixando o casal atônito, sem reação. Batidas são ouvidas. Solavancos secos.

Movimentos bruscos que pareciam vir lá de dentro. A mesa não suporta mais. A grande urna de madeira cai. Mineiro e Marcelina se encolhem num canto. A tampa se abre. Dezenas de teiús saem dali, caminham uns sobre os outros, de maneira atropelada, obsecados. O caixão já completamente vazio. O casal se entreolha aterrorizado. Os lagartos atravessam por entre as grades se espremendo violentamente, esmagando-se uns aos outros. Ignoram a presença humana, apenas seguem. E tinham pressa, e sabiam aonde ir.

No céu, no céu

Com minha mãe estarei... No céu, no céu

Com minha mãe estarei...

Do outro lado do Pau do Pilão, a música chegou como um hino revolucionário, daqueles que movimentam batalhões na ânsia de acender-lhes o último fôlego. Cada vez mais alto. Cada vez mais incisivo e urgente.

Os répteis se entregaram à excitação dos instintos. O Cavador, ainda mais agressivo, se contorce tentando

afrouxar as cordas. Os teiús que cercavam o galinheiro também faziam coro, emitiam ruídos incrivelmente desagradáveis e salivavam como feras famintas. O chamado imperativo não deixava outra escolha além do desvario animalesco. Alguns se feriam mordendo o aramado, outros ao tentar escalá-lo. Certo é que não desistiriam. Já eram centenas. E Chegavam outros tantos da escuridão dos cafezais e das beiradas dos riachos. Logo a barricada estava no chão. Arames e tábuas espalhadas sob a tropa de répteis.

— Estamos cercados! — Disse Salobro para retratar o óbvio.

Enquanto alguns teiús faziam um semicírculo para emparedá-los, outros atacavam galinhas e devoravam pintinhos e ovos.

— Vamos morrer. Me perdoe, menino-saci. Eu não pensei que fosse terminar assim — lamentou-se Salobro.

O garoto se escondia atrás do homem na esperança de que os bichos se contentassem com o adulto, desprezando aquela sua magreza colada nos ossos, pouco atraente. Todavia, a tórrida visão dos franguinhos estraçalhados com avidez o credenciava também para o abate.

Alguns segundos depois o Cavador estava livre. O semicírculo se abrindo como uma avenida para dar passagem ao líder maior e precursor de seus domínios. Passou pela cabeça de Salobro a lembrança do último

desfile de posse do velho Bizantino, onde o povo declinava dando honras ao coroadado em vestes de caudilho. O Cavador se pôs a centímetros das presas humanas. Ficou ali por um tempo. Parado. Salobro pensou também no ataque que sofrera do gigantesco lagarto em um dos caminhos do cafezal. E indignou-se consigo mesmo por serem essas, justamente essas, possivelmente, as suas últimas lembranças da vida. Senão por um milagre. E por que duvidá-los quando não há mais nada a fazer?

No céu, no céu

Com minha mãe estarei... No céu, no céu

Com minha mãe estarei...

O refrão se avolumava nos ecos sobrenaturais do morro de pedras. Tinha um poder ancestral, fantasmagórico. Algo que poderia ser o canto das sereias. Isso se o sertão já tivesse virado mar como prometido, lembra?

No céu, no céu

Com minha mãe estarei... No céu, no céu

Com minha mãe estarei...

O Cavador mirou seus algozes. Talvez, na sua natureza réptil, sentisse que não valeria a pena. Havia mais o que fazer: obedecer àquela incompreensível volúpia de se lançar aos louvores. E assim foi feito. Um alívio!

Os teiús partiram para uma corrida insanamente orquestrada, o Cavador à frente. Às centenas (talvez milhares), eles subiam o lado oriental do morro, metro a metro, vencendo umbuzeiros, gravatás e mandacarus.

Além das pedras, muitas pedras. O exército do Cavador chegou ao cume em poucos minutos. E lá, o som do coral parecia ainda mais dominante e sedutor. O Cavador para e observa o precipício. Aos poucos os outros também param. Os soldados esperam a reação do alto-comando tupinambi. As luzes que vinham do descampado, bem abaixo, formavam o sol vacilante em um poente estático, prestes a explodir. Era um indicador, todavia. Precisavam avançar. Então começaram a descer em jorros estriados e luzentes. Milhares e milhares de lagartos formando uma crosta viva e rastejante que, no balançar das caudas, produziam pequenos tremores que faziam mover as pedras. Primeiro as menores, que rolavam e batiam em pedras maiores, que chispavam desembestadas envergando umbuzeiros, esmagando gravatás, quebrando mandacarus, para depois encontrar pedras ainda maiores, enormes, que, por não suportarem tantos trancos e esbarros consecutivos, passaram também a borbotar sobre a aquela rampa infernal.

No céu, no céu

Com minha mãe estarei... No céu, no céu

Com minha mãe estarei...

Lá de baixo, os foliões começam a apontar para o caos estrondoso que se aproximava. Da euforia ao horror em segundos. O corre-corre sem fim transmutou-se em desordem e violência. O tumulto refletia como um espelho grotesco a destruição iminente. Enquanto na

descida lagartos eram esmagados pela motricidade fatídica das pedras, no descampado pessoas eram pisoteadas de maneira implacável, como se os grãos da sua humanidade fossem moídos com truculência e desmazelo.

Ao perceber que a multidão se conflagrava, os que habitavam os altares mundanos começaram a fugir na mesma direção. Largaram instrumentos, abandonaram faixas e discursos copiados. Pulavam do trio elétrico, enlouquecidos, e desciam do palanque às pressas. Os estrondos abafaram a ladainha. Daí eram só gritos e explosões. Belão e Beto Broco tentaram carregar o velho, mas foram esbofeteados pelo avô, indignado com a ousadia dos idiotas. Insistiram mais uma vez. Desistiram. Saíram em disparada para a salvação de seus próprios corpos. O velho Bizantino ficou. Preocupava-se apenas em proferir insultos e xingamentos. Nunca havia pedido nada a deus nenhum, não pediria misericórdia agora, às vésperas de completar seus cento e quarenta anos. As velhas do coral se amotinaram. Dali elas não sairiam. Mas por fé, não por orgulho. Procuravam aprontar, aflitas, os terços para começarem a reza. A súplica que talvez fosse atendida. Mas não deu tempo.

Epílogo

Passaram o resto na noite à procura dos corpos. Pedras e troncos retorcidos. Estruturas metálicas e orgânicas misturavam-se ao caos, numa massa disforme, quase intransponível. O trio elétrico tombado, coberto de teiúis estilhaçados, vegetação arrancada, terra e pedras de todos os tamanhos. Uma, duas, três, quatro, cinco, seis velhinhas. E ainda a regente. Todas vivas, mas as peles arranhadas, cheias de hematomas, membros feridos sob os vestidinhos rasgados como tralhas. Sabe-se lá quantos ossos quebrados, para nunca mais serem encanados. Mesmo assim, um milagre.

Embaixo do palanque em destroços, hermeticamente coberto por toneladas de escombros naturais, os netos encontraram os restos do avô. Mas somente dois dias depois, e com a ajuda do Cavador, um dos poucos lagartos sobreviventes, que, daquela vez, não pode fazer mais nada além de cavar e cavar e cavar...

* * *

A ruína do velho Bizantino levou a confluência da vida e da morte à sua normalidade. Aos poucos, um a um, os centenários de Pilão da Serra foram encontrando o seu rumo definitivo. E cada qual, acreditavam,

seguia na direção da fé que professava ou do vazio que esperava, como se fossem, todos eles, parte de uma mesma corola murcha se despetalando ao vento.

Copyright ©
2021

.....

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada,
fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos, eletrônicos
ou outros quaisquer sem a prévia autorização do autor.

Publique seu livro com a Editora Nocego
RTV Brasil Prod. Com. Entret. e Editora EIRELI
CNPJ: 24.983.429/0001-04
www.editoranocego.com.br
Contatos: (73) 988737177 - 99978-9435
editoranocego@gmail.com

Este projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

Realização



Apoio financeiro



SECRETARIA
DE CULTURA



GOVERNO
DO ESTADO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

